



INSTITUTO TEOLÓGICO  
**FRANCISCANO**

---

FACULDADE DE TEOLOGIA  
PETRÓPOLIS, RJ

**MARIA APARECIDA SANTANA DE SOUZA**

**AMPARO: CONTINUIDADE E DESCONTINUIDADE DE  
UM CARISMA FUNDACIONAL**

**PETRÓPOLIS 2016**



**MARIA APARECIDA SANTANA DE SOUZA**

**AMPARO: CONTINUIDADE E DESCONTINUIDADE  
DE UM CARISMA FUNDACIONAL**

**Trabalho apresentado à disciplina de  
Trabalho de Conclusão de Curso do Curso  
de Teologia do ITF – Instituto Teológico  
Franciscano.**

**Orientador: Prof. Dr. Alberto Beckhäuser.**

**PETRÓPOLIS  
OUTUBRO 2016**

**AMPARO: CONTINUIDADE E DESCONTINUIDADE  
DE UM CARISMA FUNDACIONAL**

Este trabalho foi julgado adequado para a obtenção do grau de Bacharelado em Teologia e aprovado na sua forma final pela Banca Examinadora do ITF – Instituto Teológico Franciscano.

Petrópolis, 21 de Novembro de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Alberto Beckhäuser - ITF  
Orientador

---

Prof. Dr. Sandro Roberto da Costa - ITF  
Leitor crítico

## **Dedicatória**

Dedico esse trabalho a todos que são e aos que virão a ser movidos pelo Carisma Amparo, na alteridade do encontro com o humano e com o Divino. Às comunidades de fé, a cada irmã e irmão, a todos que se empenham na transformação das realidades desumanas, no cuidado da vida e na qualificação da dignidade das pessoas.

## **Agradecimentos**

A Deus, força movedora diária e vital.

Ao Padre Siqueira e Irmã Francisca Pia, cuja forma de vida convoca ao encontro. À Congregação das Irmãs Franciscanas Amparo, por ter acreditado em mim.

Às Irmãs e noviças, presença fraterna em todos os momentos.

Às Irmãs colaboradoras nesta pesquisa, pela generosidade e cortesia franciscanas. Ao Professor orientador, pela preciosa contribuição na elaboração deste trabalho. Aos professores do curso de Teologia, pelo tesouro oferecido.

Aos professores da banca examinadora, pelas contribuições.

Enfim, à minha família e amigos que de alguma forma participam do meu itinerário.

*Trazemos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que este poder extraordinário seja de Deus e não de nós.*

*(2 Cor 4, 7)*

## RESUMO

SOUZA, Maria Aparecida Santana de. **Amparo: continuidade e descontinuidade de um Carisma fundacional**. 68p. Monografia (Teologia) – ITF – Instituto Teológico Franciscano. Petrópolis, 2016.

Levando em conta a clareza do carisma fundacional como fator indispensável para se dar passos firmes e decisivos em nível pessoal e comunitário de uma Congregação, sobretudo a prática evangélica contida na identidade carismática do grupo constituído e a necessidade de constante aggiornamento, esse trabalho tem como tema Amparo: continuidade e descontinuidade de um carisma fundacional. A abordagem de alguns elementos do Carisma da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo, no intuito de contemplar a temática, justifica-se pela vitalidade substancial dos mesmos, frente à realidade desafiadora dos tempos atuais. O recurso utilizado em busca de adentrar no tema aqui desenvolvido foi de uma pesquisa bibliográfica, consultando os principais escritos e documentos do fundador da Congregação já mencionada: testamento, regras, relatórios, sermões, dentre outros, além de alguns autores que corroboram com o que aqui está sendo construído. Considerando o objetivo de aprofundar o Carisma específico da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo, em sua existência por mais de um século, bem como as interpelações de descontinuidade

inerente ao processo, toma-se como ponto de partida a prática evangélica do fundador, na realidade do século XIX, como marco preponderante desta identidade e o contexto contemporâneo do atual século como lugar encarnatório do Amparo. A pesquisa se desenvolve na perspectiva histórico-teológica e projeta a construção de uma leitura atualizada do carisma fundacional de Congregações e Ordens como busca de fidelidade às origens e criatividade epocal. Evidentemente é mencionada uma realidade complexa e desafiante que não pode ser tratada de forma simplista. Todavia, pode-se afirmar que a vida do fundador(a) é o próprio “rosto do carisma”, tamanha a unidade entre o Ser e o Fazer. É nessa unidade que se identifica a força evangelizadora, ou seja, o impacto evangelizador do fundador(a) no seio da sociedade de seu tempo, expandido para a posteridade (congregação e leigos). É na experiência fundante – base do carisma – que residem a fortaleza e a inspiração para redimensionar as atividades apostólicas e, ao mesmo tempo perguntar-se: com qual espírito se vive e convive, trabalha e sonha, crê e luta? O grande desafio das Congregações e Ordens é voltar à “matriz carismática”, à intuição dos fundadores(as). As obras podem caducar (como caducam), bem como as atividades apostólicas mudarem. Mas os membros de uma Congregação ou Ordem só causarão impacto evangelizador se, a exemplo do fundador(a), forem o rosto do carisma.

**Palavras-chave:** Carisma. Amparo. Identidade Carismática. Renovação. Descontinuidade.

## **LISTA DE ABREVIACÕES, ABREVIATURAS E SIGLAS**

CIFNSA ..... Congregação das Irmãs  
Franciscanas de Nossa Senhora  
do Amparo EDNSA ..... Escola  
Doméstica de Nossa Senhora do  
Amparo  
EG ..... Evangelii Gaudium  
ET ..... Evangelica Testificatio  
LG ..... Lumen Gentium  
RM ..... Relações Mútuas  
VRC ..... Vida Religiosa Consagrada

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>Introdução .....</b>   | <b>11</b> |
| <b>1 O CONTEXTO INICIAL E O FUNDADOR DA<br/>CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE<br/>NOSSA SENHORA DO AMPARO .....</b> | <b>14</b> |
| 1.1 CONTEXTO POLÍTICO, SOCIOECONÔMICO E<br>ECLESIAL DO BRASIL NO SÉCULO XIX .....                                       | 15        |
| 1.1.1 Contexto Político .....   | 16        |
| 1.1.2 Contexto Socioeconômico .....   | 17        |
| 1.1.3 Contexto Eclesial .....   | 20        |
| 1.2 JOÃO FRANCISCO DE SIQUEIRA ANDRADE.....   | 24        |
| 1.3 A ESCOLA DOMÉSTICA DE NOSSA SENHORA DO<br>AMPARO .....  | 29        |
| 1.4 A CONGREGAÇÃO .....   | 37        |
| <b>2 CARISMA AMPARO .....</b>   | <b>41</b> |
| 2.1 A TRILOGIA FUNDANTE .....   | 42        |
| 2.1.1 Carisma .....   | 42        |
| 2.1.2 Caridade .....  | 47        |
| 2.1.3 Cuidado .....   | 49        |
| 2.2 ORIGEM DO AMPARO COMO CARISMA .....   | 51        |
| 2.2.1 Acontecimento Teológico Existencial.....  | 52        |

|   |            |
|---|------------|
| 2.2.2 Acontecimento Teológico Histórico.....                    | 56         |
| 2.2.3 Acontecimento Teológico-evangélico Real .....             | 59         |
| 2.2.4 Acontecimento Teológico Comunitário .....                 | 61         |
| 2.3 PROTÓTIPOS DO CARISMA AMPARO .....                          | 63         |
| 2.3.1 Jesus .....   | 64         |
| 2.3.2 Maria .....   | 68         |
| 2.3.3 Francisco e Clara.....                                    | 70         |
| <b>3 CONTINUIDADE E DESCONTINUIDADE<br/>INDISPENSÁVEIS.....</b> | <b>73</b>  |
| 3.1 A DIALÉTICA – CARISMA/INSTITUIÇÃO .....                     | 73         |
| 3.2 TEMPOS MODERNOS E A DESESTABILIDADE NA<br>VRC .....         | 81         |
| 3.3 CRISE: POSSIBILIDADE, RUPTURA E<br>RENOVAÇÃO .....          | 84         |
| 3.4 URGÊNCIA DE DESCONTINUIDADE.....                            | 88         |
| 3.5 URGÊNCIA DE CONVERSÃO ESTRUTURAL .....                      | 92         |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                               | <b>97</b>  |
| <b>Referências Bibliográficas.....</b>                          | <b>101</b> |

## INTRODUÇÃO

Os fundadores e as fundadoras das Congregações e Ordens sonharam o carisma como algo novo na construção do Reino de Deus no contexto de fundação. Tal novidade deve ser alcançada pelos seus membros na retomada das origens, para que os sonhos e as utopias, desde os alicerces, possam ser novamente o oxigênio da vida pessoal e institucional. Essa atitude, conforme sinaliza o Papa Francisco, requer sair da comodidade e da segurança: “prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada, por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos” (EG, 49).

Como assinala Mattos (2015, p. 28), “As mudanças que operaram de forma gigantesca na sociedade e na cultura contemporânea têm consequências profundas na VRC”. Voltando o olhar para a realidade da Vida Religiosa Consagrada (VRC), percebe-se, por exemplo, certa rigidez em conservar modelos ultrapassados, a efervescência de novas comunidades de aliança e de vida, a morte de diversas Congregações e, em muitas delas, sinais que denotam certa insegurança e medo de não salvaguardar o carisma em detrimento de novas posturas frente à sociedade e à Igreja. Não obstante a tal realidade, nota-se o desejo de fidelidade e sintonia à fonte inspiradora, ou seja,

ao carisma fundacional, fundamental para dar passos firmes e decisivos em nível pessoal e comunitário. Acredita-se que, faltando clareza da identidade do carisma, os horizontes se fecham e os desafios podem ser vistos como impossibilidades de adequação. Partindo destes pressupostos, a atual pesquisa tem como objetivo aprofundar o Carisma específico da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo, em sua existência por mais de um século, bem como as interpelações de descontinuidade inerente ao processo. Para tal, o trabalho se desenvolve na perspectiva histórico-teológica, tendo como fonte primária escritos e documentos do Padre João Francisco de Siqueira Andrade, fundador da Congregação, e bibliografias afins. Além dessas, são utilizadas literaturas atuais da VRC.

Estruturada em três capítulos, a pesquisa visa encontrar respostas para as seguintes questões:

1. Como surge o Carisma Amparo e o que o caracteriza como fonte inspiracional?
2. Em meio às mudanças e transformações hodiernas, o Carisma Amparo é capaz de resistir ao tempo?
3. Como revisar Congregações e Ordens e inová-las, salvaguardando a originalidade do carisma?

O primeiro capítulo busca investigar o contexto socioeconômico, político e eclesial do Brasil no século XIX, no qual nasce o Carisma Amparo, bem como o fundador, a Obra (Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo) e a Congregação. Ressaltam-se ainda, os aspectos históricos como fatores

preponderantes na delineação do Carisma. O segundo capítulo se ocupa em aprofundar a dimensão teológica, à luz do Evangelho e mediante a história, na tentativa de fisgar, captar a identidade própria e particularmente definida do Carisma Amparo. Por fim, no último capítulo é apresentada uma reflexão sobre a necessidade de descontinuidade do Carisma Amparo, e demais carismas, como critério de continuidade - conforme prevê a Evangelica Testificatio: “Certamente que não poucos elementos exteriores, recomendados pelos Fundadores de Ordens e Congregações Religiosas, se demonstram ultrapassados, no presente” (PAULO VI, 1971, ET, 5).

Em suma, as justificativas para a escolha da temática estão ancoradas na pertença ao Carisma Amparo, coração latente do apostolado das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo e, por conseguinte, na preocupação em atualizar a proposta evangélica de vigência profética do mesmo. Mediante a um contexto eclesiológico que conjuga retrocesso e necessidade de avanço, o tema torna-se pertinente.

## **1 O CONTEXTO INICIAL E O FUNDADOR DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE NOSSA SENHORA DO AMPARO**

O retornar à fonte é um passo fundamental e indispensável para entender a contemporaneidade do projeto, à luz daquele que o concebeu, levando em conta a intuição e o carisma de seu criador. O surgimento de uma multiplicidade de institutos femininos nos séculos XIX e XX não resta dúvida que representa a vitalidade transbordante da base eclesial. As Congregações que surgem, nesse período, respondem geralmente à determinada necessidade ambiental urgente (cf. LOZANO, 1994, p. 95), e desta nasce o carisma. Como diz Roy (p. 26): “cada uma das nossas congregações tem por tesouro a sua graça fundante, específica, cuja nascente carismática nos sacia, nos anima, sob a condição, porém, de que colhamos esta água viva na concha de nossas mãos vazias e no cântaro aberto de um coração despojado e sedento”. Assim, a pequena fonte do começo torna-se rio.

Este capítulo tem por objetivo apresentar o ambiente nascente do Carisma Amparo. Para tal, primeiro será situado o contexto do Brasil no século XIX; depois o Padre João Francisco de Siqueira Andrade, como aquele que intui o Carisma; a Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo, como rea-

lização da inspiração; e a Congregação como resposta evangélico-elesial a um projeto humanizador.

## 1.1 CONTEXTO POLÍTICO, SOCIOECONÔMICO E ECLESIAL DO BRASIL NO SÉCULO XIX

Alargando o olhar para além do Brasil, ao ingressar no século XIX, percebemos uma crescente secularização da sociedade ocidental, embora com matizes e ritmos diferentes, conforme os países e as regiões. Difunde-se um espírito liberal que incorporara as principais reivindicações dos iluministas do século XVIII, colocado em prática na Revolução Francesa de 1789 (cf. MATOS, 2010, p. 45). Tomam corpo as correntes filosóficas predominantes do momento: racionalismo, liberalismo, nacionalismo, modernismo, idealismo e romantismo.

Outras correntes que ganharam proporção, fruto do Iluminismo foram o Positivismo e o Materialismo histórico. A primeira, surgida na França no começo do século XIX e fortalecida na segunda metade deste, com Augusto Comte e John Stuart Mill, defende a ideia de que o conhecimento científico é a única forma de conhecimento verdadeiro. De acordo com os positivistas somente pode-se afirmar que uma teoria é correta se ela foi comprovada através de métodos científicos válidos. Os positivistas não consideram os conhecimentos ligados às crenças, superstição ou qualquer outro que não possa ser comprovado cientificamente. Para os positivistas, o progresso da humanidade depende exclusivamente dos avanços científicos (cf. BUARQUE DE HOLANDA, 1985, p. 210).

A segunda foi pela primeira vez elaborada por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895). É uma abordagem metodológica ao estudo da sociedade, da economia e da história. Defende que a evolução histórica, desde as sociedades mais remotas até a atual, se dá pelos confrontos entre diferentes classes sociais decorrentes da “exploração do homem pelo homem”. A teoria serve também como forma essencial para explicar as relações entre sujeitos. As classes sociais e a relação entre elas, além das estruturas políticas e formas de pensar de uma dada sociedade, seriam fundamentadas em sua atividade econômica (cf. BARROS, 2013, p. 306).

Além dessas, os resultados apresentados por Charles Darwin representam uma importante ruptura com os paradigmas religiosos. Ao demonstrar a Origem das Espécies, Darwin coloca o ser humano em pé de igualdade com toda a natureza, questionando as ideias da sua origem divina, até então dominantes, como o relato da criação do livro do Gênesis. Tais correntes de pensamentos acima citadas desestabilizaram a fé católica tão determinante da sociedade brasileira de então. Não podemos deixar de citar a separação entre fé e razão ocorrida neste período de férteis construções intelectuais em meio a um mar revolto de ideias (cf. NEVES, 2011, p. 20).

### 1.1.1 Contexto Político

Depois das grandes revoluções políticas, o século XIX foi o período da consolidação do regime democrático e da economia

capitalista, na sua fase chamada de “imperialismo”. A matéria-prima fluía continuamente para as indústrias europeias, oriunda dos recém- independentes países sul-americanos, das colônias africanas e dos milenares países asiáticos: China, Índia e Japão, entre outros. O Brasil, recém-libertado de Portugal, apresentava um cenário opressor para a maior parte da sua população, ainda mantida sob o jugo da escravidão. As pressões econômicas internas e externas bem como as políticas inglesas levaram à criação de leis que amenizaram a situação, como a do Ventre Livre e a dos Sexagenários, o que fortaleceu, entre outros fatores, a organização dos movimentos abolicionista e republicano, responsável pelo fim da servidão e pela Proclamação da República. Daí ser um período fortemente marcado por crises, devido à grande parte – se não totalmente - do país estar assentado econômica e culturalmente na escravidão (cf. HAUCK, 2008, p. 20).

### 1.1.2 Contexto Socioeconômico

O segundo Império envolveu, sobretudo a partir de 1850, o início da “modernização” do Brasil, no sentido econômico, social, político e ideológico. Os britânicos estavam entre os que exerceram os papéis principais neste drama. Contribuíram diretamente com a expansão da cultura cafeeira, que revolucionou o arcaico sistema econômico do Brasil. Toda esta participação da Inglaterra em nossa vida brasileira – que mereceu o nome de “século inglês” – vinha acompanhada de uma sub-

jugação colonialista, e impedia um progresso do Brasil sem as muletas da dependência britânica (cf. HAUCK, 2008, p. 154).

No século da fundação da Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo a escravidão era um dos mais difíceis problemas sociais, somada ao alcoolismo, às doenças e à prostituição. Desde 1850, o Brasil pressionado pela Inglaterra, passou a defender, no Poder Legislativo, o fim do tráfico negreiro. À frente dessa defesa esteve o ministro Eusébio de Queirós, que insistiu na necessidade de o país tomar por si só a decisão de colocar fim ao tráfico, preservando a imagem de nação soberana. É criada então a lei Eusébio de Queirós que proibia o tráfico interatlântico de escravos. A lei não gerou efeitos imediatos na estrutura do sistema econômico brasileiro. O tráfico ilegal desenvolveu-se intensamente no período posterior à lei e, na verdade, houve um incremento nos índices de entrada de africanos no Brasil. O tráfico interno cresceu e concentrou-se nas então Províncias do Rio de Janeiro e de São Paulo: áreas em que mais se produzia café (cf. SANTO DEUS; SILVA, 2014, p. 17).

Os movimentos de cunho social em torno dos escravos envolvendo aspectos na luta da cidadania, identidade, liberdade humana - além de questões práticas do cotidiano como transporte e cursos profissionalizantes - na segunda metade do século, ora analisado, estavam em efervescência, sobressaindo o movimento abolicionista, vindo a culminar, em 1871 com a chamada Lei do ventre Livre, ou Lei de 28 de setembro de 1871. Esta lei pretendia estabelecer um estágio evolutivo

entre o trabalho escravo e o regime de trabalho livre, sem, contudo, causar mudanças abruptas na economia ou na sociedade. Na verdade eram concessões que as elites brasileiras tentaram estabelecer com os movimentos escravistas (cf. GOHN, 1995, p. 40).

Segundo o disposto na lei, os filhos de escravos – chamados de ingênuos – tinham duas opções: ou ficavam com os senhores de suas mães até a maior idade (21 anos) ou poderiam ser entregues ao governo. Na prática, os escravocratas mantiveram os ingênuos nas suas propriedades, tratando-os como se fossem escravos.

De 1864 a 1870, o Brasil viveu o maior conflito armado internacional ocorrido na América do Sul, a Guerra do Paraguai. Foi travada entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, composta por Brasil, Argentina e Uruguai. A Guerra trouxe consequências que deixaram marcas profundas na vida do povo. Segundo Santo Deus e Silva (cf. 2014, p. 17), além dos encontros armados que traziam altas taxas de mortalidade, tinha também as doenças ocasionadas da má alimentação e péssimas condições de higiene, sendo o cólera a principal vilã. Para lutar contra as doenças foi adotado o sistema hospitalar das misericórdias, implantado pelo império, que de início atendia somente abastados e distintos da sociedade. Paralelo a esse, destinados à população pobre, surgiram instituições como Hospital de Caridade, Casa das Crianças Encontradas, Hospitais de Lázarus (leprosários), em grande parte assumidos por religiosos como as Irmãs de São José de Chambéry e principalmente as de São

Vicente de Paula, pois as demais Ordens, no Brasil, estavam mais voltadas para a contemplação que para a caridade ativa (cf. MAURO, 1991, p. 242).

Tanto as doenças como as guerras deixaram crianças em situação de desamparo, expostas ao abandono e à orfandade; e as mulheres, expostas à realidade crítica da viuvez.

### 1.1.3 Contexto Eclesial

Referindo-se à hierarquia da Igreja no Brasil, dos anos 1800 a 1899, é difícil ter consciência clara e definida, num contexto de perda de identidade, e esta era a situação da religião no país. O sistema no qual a Igreja se submetia era o do Padroado régio e o beneplácito. O padroado esvaziava de tal forma a função episcopal que os bispos não chegavam a construir um centro de unidade. O episcopado continuava pouco numeroso, incompatível com o aumento da população e sua influência não era significativa: a instituição leiga do padroado é que exercia a maior parte das funções episcopais. O relacionamento dos fiéis com os pastores reduzia-se a ocasiões especiais, geralmente no tumulto das grandes festas. Mais do que as paróquias, eram as irmandades e as ordens terceiras que constituíam o núcleo da prática religiosa organizada. A família era de grande importância como expressão religiosa, uma vez que a religião brasileira era mais doméstica e privatizada do que institucional (cf. HAUCK, 2008, p. 13).

Não obstante o grande número de eclesiásticos revolucionários, bispos e padres eram representantes de uma religião de Estado, conscientes de seu papel de funcionários, constituindo a segunda esfera administrativa do Governo, ligada aos interesses dos grandes proprietários. Como não podia ser diferente num regime de padroado, a missão do episcopado era quase anulada pela interferência do poder civil. Na segunda metade do século XIX o regime político-religioso entra em crise – fruto da busca de autonomia eclesiástica e muito mais ainda do estado.

Hauck (cf. 2008, p. 85-6) descreve que a formação do clero era muito decadente e o que caracterizava a figura do sacerdote não era a missão eclesiástica comprometida com a evangelização libertadora e humana, mas a do sacerdote doméstico, encarregado das missas, dos batizados, das festas e da catequese dos escravos, mais subordinados ao senhor do que à Igreja. Quanto aos padres, de cultura presumivelmente superior, suas energias tendiam a canalizar-se para atividades mais dinâmicas, sobressaindo a participação de muitos deles no movimento revolucionário, constituindo uma das mais fortes lideranças revolucionárias do país, junto aos militares e maçons. Atuavam em tropas, não como capelães, mas tomando parte ativa de movimentos armados.

Quanto à formação acadêmica, os que a ela eram submetidos perpassavam as ideias de J. J. Rousseau, Adam Smith, Victor Cousin, Emanuel Kant; liam-se livros condenados por Roma, pregavam doutrinas que há muito tempo tinham sido

consideradas heréticas. Usava-se muito da oratória, no púlpito, para abordar temas políticos que revelavam, de certa forma, um inconformismo cultivado nos conventos e seminários. Ao mesmo tempo não faltavam os pregadores da ordem e da tranquilidade, acusando de anárquicos os movimentos liberais.

Ao analisar as ideias perpassantes no Sermão de uma Quita Feira Santa, de autoria de João Francisco de Siqueira Andrade, Neves (cf. 2011, p. 22) lembra que no período histórico por ele vivido, ao lado de questões que envolviam ciência e religião, estava, também, o “eixo da filosofia”. As ideias tradicionalmente aceitas e ensinadas pela Igreja neste período e as novas ideias derivadas de correntes filosóficas estavam em constante conflito. Como consequência dessa realidade vinha o sentimento de desprendimento das estruturas eclesiásticas. É fácil perceber que o contexto eclesial encontrava-se bastante nebuloso, onde o Fundador da Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo relatou em um dos seus documentos: “Logo que concluir a Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo, vou tratar da separação entre o Estado e a Igreja” (cf. SANTO DEUS; SILVA, 2014, p. 21).

A Igreja do Segundo Império mostrava-se acentuadamente “militante”. A mística da luta contra as “portas do inferno” era exacerbada pela forte contestação liberal, que da França e da Itália era transportada para o Brasil. Havia em nossos bispos a “quase-psicose” de uma quase conspiração organizada contra a Igreja. Sendo que esta era nesse período fundamentalmente

conservadora. Toda uma atitude de reação contra o liberalismo que veio a culminar com o Concílio Vaticano I, era transferida para o Brasil. Conforme Hauck (cf. 2008, p. 144), D. Macedo Costa escreveu de Roma: “A tese ultramontana daqui a pouco se chamará simplesmente católica”.

Na esteira dessa autodefesa da Igreja pode-se situar o Padre Siqueira, como pessoa integrada à esse contexto histórico:

Olhando seriamente para a situação da Igreja na atualidade, não teríamos coragem de pronunciar uma só palavra relativa à opressão em que se acha ela, se não conhecermos essa Providência admirável que a dirige; e a certeza de que no fim do combate ela sairá triunfante e coberta de louros, segundo a promessa do mesmo Senhor Jesus Cristo: “*Portae inferi non praevalebunt adversus eam*” (ANDRADE, Sermão de uma Quinta Feira Santa, 1867. In: SANTO DEUS; SILVA, 2014, p. 85).

Sendo constituída de pobres a maior parte da população, neles é que se tem de procurar o que se possa existir de característico da Igreja no Brasil desse período. Dão-se bem com uma religião de relacionamento quase sensível com Deus e os santos, apegando-se a esses últimos que fossem de sua devoção como único recurso para as muitas necessidades que os oprimiam.

Se esse período histórico, social e politicamente, se caracteriza como período de “desagregação”, eclesiologicamente falando é uma das épocas mais ricas e fecundas de nossa história.

## 1.2 JOÃO FRANCISCO DE SIQUEIRA ANDRADE

O Padre João Francisco de Siqueira Andrade nasceu em Jacareí, SP, no dia 15 de julho de 1837. Seus pais: Miguel Nunes de Siqueira e Claudina Maria de Andrade. Foi aluno do Seminário Diocesano de São Paulo onde fez seus estudos, partindo depois para a Província de São Pedro, no Rio Grande do Sul, quando foi recebido pelo Bispo Dom Sebastião Dias Laranjeiras e ordenado presbítero em 08 de dezembro de 1864 (cf. HÓSTIA, 2013, p. 21-28). No tempo de seminário, já sentia a força do seu carisma: “Como estudante, a minha grande preocupação era a educação da juventude brasileira. Decidi que depois de ordenado, fundaria uma Casa para educar meninos pobres” (cf. HÓSTIA, 2013, p. 115). O próprio Padre Siqueira afirmou, no documento Apelo ao País, ter estudado seriamente a situação do Brasil e concluiu que o bem-estar religioso e social depende da boa educação que se oferece ao povo.

Serviu, como voluntário da Pátria, na Guerra do Paraguai e ao regressar, buscando alívio para a tuberculose, veio à Petrópolis.

Diante da orfandade, fruto da guerra, do sofrimento e da miséria a que estavam expostas, principalmente as meninas, diante do desprezo pela educação da mulher e dos primeiros anúncios sobre a emancipação dos escravos, em 1866, trazendo outras urgências para a nação quanto ao trabalho livre, Padre Siqueira viu nos acontecimentos o apelo de Deus e a hora de iniciar sua Obra de educação.

Chegou mesmo a dizer: “A minha convicção de que era chegado o tempo e de que a obra era de Deus, que nunca deixou de velar sobre este País, era tão forte, que minha divisa única foi e é: “Ou a morte ou o triunfo de uma empresa que considero divina” (ANDRADE, 1877, Apelo ao País. In: SANTO DEUS; SILVA, 2014, p. 85). Escreveu seu projeto de educação e o apresentou ao Imperador Dom Pedro II, em 15 de julho de 1868 e dois meses depois, ao dar aprovação, o Monarca acrescentou que a ideia era boa e humanitária, porém difícilíssima (cf. HÓSTIA, 2013, p. 52).

Iniciou suas grandes peregrinações pelas fazendas do interior do Rio de Janeiro, Minas e São Paulo. Mesmo tuberculoso, andando a cavalo, se expôs ao sol, à chuva, e às críticas, sem ceder ao desânimo: “Caminharei de rua em rua, de casa em casa, até percorrer a cidade toda... com ânimo, disposto a aceitar, em nome de Deus, qualquer esmola que me queiram dar” (ANDRADE, Jornal Mercantil, 1875). Padre Siqueira tinha consciência de que fazer um voto a Deus é assumir uma missão, dada a ele, em favor da humanidade:

É justo que tendo feito o voto mais firme de minha existência em prol da infância desvalida e me consagrado ao bem da Igreja e da nossa Pátria, use de toda a franqueza para com o público, confessando diante de Deus, a quem nada se oculta, a sinceridade e a abnegação com que trabalho, embora o último selo desta declaração seja uma propriedade de futuro, juiz infalível e implacável do passado. Longe de mim a presunção de alguma virtude extraordinária. Oh! Bem sei que o meu espinhoso caminho está há muito traçado pela mão da Providência, e que não é outro

senão o da humildade e da resignação. Na verdade, compreendo bem a responsabilidade que tenho assumido. Porém é também certo que, há muito tempo, não vivo mais para mim, e que todos os sacrifícios por que possa ainda passar estão de antemão oferecidos a Deus no altar da caridade (ANDRADE, *Jornal Mercantil*, 1875).

O jornal *A Reforma*, conforme afirmam Santo Deus e Silva (cf. 2014, p. 289-290), em 1871, numa matéria anunciando a fundação da instituição, diz que a esforços do Revmo. Padre Siqueira, incansável no santo trabalho da caridade cristã, vai se abrir em Petrópolis, a Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo, destinada ao desenvolvimento moral e educação religiosa de muitas míseras crianças, que, sem arrimo na vida, andam ameaçadas pela terrível voragem da prostituição. Não poupando elogios ao fundador do estabelecimento, continuou a dizer que, animado pelo fogo sagrado de uma bondade sem limites, Padre Siqueira bateu à porta de muitos fiéis pedindo, em nome de Deus e dos princípios humanitários, o óbolo destinado a levar a cabo a santa empresa que havia tomado em seus ombros.

Sua morte<sup>1</sup>, ocorrida em 10 de abril de 1881, com apenas 43 anos de idade, foi motivo de grande pesar para boa parte da população brasileira, como relata Santo Deus e Silva (cf.

---

<sup>1</sup> Quanto ao local da morte do Padre Siqueira, não há consenso. Nos jornais encontrados que publicaram seu falecimento uns falam que morreu em Barbacena – MG e outros, em São José dos Campos – SP. Cf. SANTO DEUS, Irmã Neli do; DA SILVA, Irmã Rossana Espindola, 2014, p. 363-369.

2014, p. 363-369) a publicação do seu falecimento em seis jornais circulados no país. Um deles, o jornal Correio Paulistano (1881, Ed. 7310, Ano XXVIII, p. 2 – arquivado na Biblioteca Nacional), lembra que o ilustre paulista [Padre Siqueira] era um sacerdote digno de respeito e admiração de todos que o conheciam; de inteligência cultivada, coração bem formado e disposto sempre para as grandes obras da verdadeira caridade, ali deixava, na Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo, um monumento imorredouro de seu infatigável zelo, e inexcedível dedicação à causa da humanidade.

Diante dos depoimentos e escritos, pode-se afirmar que Padre Siqueira foi um homem sensível ao seu tempo e de uma fé incontestável. Num contexto fortemente antagônico, onde de um lado estava o pensamento da Igreja, defendendo a sua centralidade e importância e de outro o da sociedade moderna provido de uma aversão à revelação, é nítido nos Sermões, proferidos por ele, as decisões do Concílio Vaticano I (1869-1870), principalmente em se tratando da relação fé/modernidade, que teve como conclusão do Concílio a Constituição dogmática *Dei Filius* com principal conteúdo contra o tradicionalismo e o racionalismo, a definição da natureza da fé e o acordo entre fé e razão. Mesmo que em seus discursos Siqueira concilie fé e razão, como filho da Igreja Católica defende-a afirmando que ela é a coluna única capaz de sustentar a sociedade humana, e esta, uma vez abalada, tudo irá parar no abismo da confusão e da distração (cf. HÓSTIA, 2013, p. 133). Por isso seu projeto educacional sempre é temperado com os fundamentos sólidos

da fé, ancorados na Igreja Católica, na qual ele mesmo diz ser fiel servidor do Evangelho.

Como informação histórica adjacente pode-se situar o Padre Siqueira como participante dos primeiros clérigos diocesanos formados no país em seminários erigidos por bispos. Leva-se a crer, diante das duas tendências reformistas presentes na Igreja durante a época do Império, que, as ideias do sacerdote têm maior proximidade às do movimento identificado como ultramontano<sup>2</sup> que defendia a aproximação com Roma, do que ao movimento reformista, liderado por um grupo “liberal” do clero paulista que defendia a formação de uma Igreja Nacional. Mas, o que lhe norteava de verdade, segundo seus contemporâneos, era a vivência do Evangelho, como descreve um redator do *Jornal Correio Paulistano*:

É um jovem paulista [*Padre Siqueira*], trajando vestes do clero, mas como todo verdadeiro cristão, como todo católico sincero, despidos de preconceitos romanos, ao qual o ultramontanismo nunca conseguirá escravizar, o jesuitismo iludir, nem os clericais (essas verdadeiras aves de rapina da liberdade guiados por Louis Veuillot) poderão corromper (SANTO DEUS; SILVA, 2014, p. 258).

---

<sup>2</sup> Matos (2010, p. 47-48) descreve o movimento como aquele que “*Defendia a aproximação de Roma e maior sintonização com as diretrizes do Concílio de Trento (1545-1563) e, depois, com as do Concílio Vaticano I (1869-1870)*”. Quanto ao outro movimento identificado como reformista Matos descreve como um grupo numericamente pequeno, mas com força política e social altamente significativa. “*Salientam-se duas figuras: Padre Diogo Antônio Feijó, pragmático e diretamente engajado na política, chegando a ser Ministro da Justiça e, mais tarde, Regente do Império; Padre Manuel Joaquim do Amaral Gurgel, deputado paulista em várias legislaturas, homem do pensamento, da pena e do ensino*”.

O uso da batina, o zelo pelo celibato, o não envolvimento direto com movimentos políticos do Governo – mesmo tendo uma excelente formação acadêmica - são fortes indícios de que o Padre Siqueira não compartilhava das ideias do movimento reformista. Mas também as ideias ultramontanas não o dominavam.

### 1.3 A ESCOLA DOMÉSTICA DE NOSSA SENHORA DO AMPARO

É um projeto auspicioso em favor de meninas desvalidas e expostas à miséria, como o fundador, Padre Siqueira, mesmo afirma no programa apresentado ao Imperador D. Pedro II em 15 de julho 1868, que o seu pensamento, conforme descreve Hóstia (2013, p. 53): “é de criar um estabelecimento para a pobreza, a mais desvalida, a do sexo feminino; dando-lhe uma educação conveniente ao serviço doméstico”, que pudessem no futuro viver honestamente de seu trabalho, quer como boas mães de família, quer como empregadas domésticas, quer como representantes do magistério, conforme suas inclinações e aptidões naturais (ANDRADE, 1874, Estatutos da Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo. In: HÓS-TIA, 2013, p. 47).

Parece ser um pouco desconcertante ao contexto do século XXI a palavra “Doméstica”, no título dado à Escola e no programa organizado para o funcionamento educacional com características de domesticidade. Cabe observar a contin-

gência do pensamento da época, onde a mulher era uma figura submissa e os direitos civis não eram a ela garantidos. A política educacional feminina era fiscalizada pelo Governo e pela Igreja, uma vez que os ares da emancipação feminina surgida na modernidade vinda da Europa, já sopravam pelo Brasil (cf. SOUZA, 2014, p.122), como o próprio instituidor relata na Introdução do Estatuto de 1975, da Escola referida: “... de modo a poderem ocupar com vantagem o vácuo que a emancipação vai deixando no santuário das famílias”, acrescentando, o mesmo Padre Siqueira, em seu memorial de viagens, que:

Sua Majestade não apreciava educação para meninas. Vacilei por algum tempo sem saber se voltar ou ir adiante e apresentou-me [O Imperador] tais considerações tão opostas e absurdas às minhas esperanças, que estive quase resolvido a tudo deixar e seguir para a Europa, com o fim de recolher-me em um dos mosteiros dos Trapistas e não dar mais notícias minhas (HÓSTIA, 2013, p. 45-46).

Não era de se estranhar a depreciação do Imperador quanto à educação destinada ao sexo feminino. O acesso ao conhecimento era considerado perigoso para meninas e moças, como mostra Quintaneiro<sup>3</sup>, retratando a realidade inglesa do sécu-

---

<sup>3</sup> Quintaneiro (1995, p. 155), descreve os argumentos de certos moralistas: “aconselhava-se às moças que não se dedicassem à ciência para não sacrificar nenhuma parcela da delicadeza feminina. O desenvolvimento de problemas nervosos e danos aos órgãos reprodutores eram tidos como prováveis consequências de uma ‘educação de rapazes’, capaz de reproduzir moças frágeis, indolentes, descuidadas de sua ‘verdadeira vocação’, propensas a ter a pele amarelada pela clorose e a sofrer de amenorreia, deixando esvair de sua sensualidade”.

lo XIX, onde não era conveniente que as moças estudassem conspicuamente, com a caneta na mão. Esperava-se que a sala fosse usada para atividade de agulha, sendo possível à leitura em voz alta e à prática da música, mas sem qualquer sinal de intelectualismo. Aqui, a autora se refere à classe média inglesa. Imaginemos, então, em se tratando das moças pobres do Brasil? Nem como donas de casa as mulheres empobrecidas tinham, diversas vezes, condições de se reconhecerem, restando-lhes a prostituição.

Citando Gilberto Freyre, Mouro (cf. 1991, p. 167) refere-se à educação no período imperial dada às moças, como grave. Diz que a mulher pode e deve ser o grande instrumento da regeneração social; para isso, porém, é preciso tirá-la da posição atual de ídolo submisso ou de máquina reprodutora: “Uma educação feminina é hoje apenas a dos bailes, dos salões, da ostentação, e as que vivem longe das cidades ou não tem fortuna vegetam na ignorância, para no fim ouvirem dizer que a mulher por si só não é nada”.

No contexto sócio-político e eclesial daquela época, para oferecer educação à mulher pobre, além da diplomacia para fazê-lo, não havia outro caminho senão o da domesticidade.

A instituição educacional que tivesse seu programa fora de padrões compatíveis à compreensão convencional, não subsistiria, nem muito menos era aprovada, como relata Souza citando Manoel:

Em 1876, o educador e jornalista Francisco Rangel Pestana e sua mulher abriram um colégio feminino

onde, além das matérias estabelecidas, ministravam também Direitos da Mulher. A sociedade conservadora de São Paulo boicotou o colégio e, em 1879, ele foi fechado por falta de alunas (SOUZA, 2014, p. 123).

A mentalidade da época de que a educação feminina deveria estar condicionada às tarefas domésticas não só era partilhada por homens mas também pelas próprias mulheres (salvo raras exceções). A própria esposa de Rangel Pestana, Damiana Pestana, que abriu o colégio juntamente com o marido, destinado à educação do sexo feminino em São Paulo, conforme cita Ribeiro (cf. 1996, p. 96) referindo-se a um artigo do jornal A Gazeta de Campinas, de 19 de janeiro de 1876, defendia que a educação feminina deveria ser ponderada, destinada à formação para a vida doméstica, junto aos filhos e ao marido. Apesar de usar de uma formação doméstica, não deixava de ministrar Direitos da Mulher.

A instrução da mulher, surgida nas sociedades modernas, era vista por muitos intelectuais do Brasil do Segundo Império como um reinado das trevas; e, uma vez instruída, a finalidade era não vitimar o homem pela sua ignorância - assim justificava o redator do jornal Correio Paulistano, em 1870, logo na introdução de um belo artigo de apresentação da Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo - apesar do elogio feito à obra e ao fundador:

É um problema palpitante nas sociedades modernas, e deve também sê-lo no Brasil, onde está de pé o reinado das trevas, a nobilitação da mulher pela instrução. Conforme disse um grande publicista da atualidade,

*‘a mulher é o crime do homem’* (JORNAL CORREIO PAULISTANO, 1870, In: SANTO DEUS; SILVA, 2014, p. 257).

Tratando-se da Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo, aparece evidente a perspicácia do Padre Siqueira em saber lidar com a realidade de seu tempo, dando um novo vigor às estruturas. Abraçando limites temporários, implantou valores evangélicos, ensinando-nos que é na realidade em que estamos que se constroem nobres e generosas aspirações, uma vez nutridas pela inspiração da caridade evangélica. Resistindo às crises e incompreensões, aponta que o Reino de Deus acontece no “agora” em que a humanidade se encontra e atravessa. É, portanto, uma ousadia criar uma instituição para educar meninas pobres num tal contexto político, social, econômico, cultural e religioso. Além de uma necessária diplomacia, não havia outro caminho senão o da domesticidade.

É importante entendermos como o trabalho era visto na mentalidade incipiente do mundo escravocrata. O prisma, sem dúvida, era de depreciação para o que se referia ao trabalho manual ou braçal. Era visto como trabalho “vil e baixo”. Trabalho que “suja as mãos” era para escravos e não para pessoas livres. O desprezo atingia de cheio quem estava por trás do serviço prestado: a pessoa. Segundo nos atestam os documentos, a proposta educacional do Padre Siqueira para com as desvalidas e ingênuas considerava, em primeiro lugar, a pessoa com sua dignidade, para assim desenvolver o trabalho como

expressão do humano em sua totalidade e não simplesmente como meio utilitarista ou expressão de classe ou lugar social.

Quanto ao título dado de “Nossa Senhora do Amparo”, parece-nos ter forte ligação com a significação da Virgem Maria, especificamente Nossa Senhora da Soledade, como amparo dos desvalidos<sup>4</sup>. Conforme cita o jornal Tribuna da Bahia (2012) referindo-se a uma pesquisa feita pelo antropólogo Júlio Santana Braga, iniciada em 1972 e publicada 10 anos depois, Nossa Senhora do Amparo é padroeira da *Sociedade Protetora dos Desvalidos*, sediada na Bahia a partir de 16 de setembro de 1832. Trata-se de uma associação de homens libertos, empenhada em angariar recursos necessários ao amparo de pessoas deles necessitados, fundada por um africano livre chamado Manoel Victor Serra. Conforme a Tribuna a Sociedade “foi inicialmente denominada Nossa Senhora da Soledade Amparo dos Desvalidos, tendo por objetivo principal promover a instrução e o amparo religioso aos seus associados, do mesmo modo que se observava nas irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos”. E cita o que Braga acentua:

---

<sup>4</sup> Tem destaque neste contexto, as irmandades (dos pretos e dos pardos) do período colonial. Algumas dessas tinham como principal objetivo comprar cartas de alforria dos escravos. E uma delas traz o nome de Irmandade de Nossa Senhora do Amparo, conforme afirma Quintão: “*Segundo Mulvey, dos 165 compromissos estudados apenas 11 faziam referência à concessão de empréstimos ou auxílio jurídico para os irmãos, que pretendiam comprar sua liberdade, sendo oito sob invocação de N. Sra. do Rosário (dois na Bahia, quatro no Rio de Janeiro, dois em Minas), a Irmandade de Nossa Senhora do Amparo e de Nossa Sra. do Livramento, na Bahia, e a Irmandade de Nossa Sra. dos Remédios, no Rio de Janeiro*” (QUINTÃO, 2000, p. 167).

A Sociedade Protetora dos Desvalidos preparava-se, com muita antecedência, no sentido de ser bem representada nas atividades da Igreja Católica e grandes somas de dinheiro eram gastas nessas ocasiões, especialmente durante os festejos religiosos em honra à padroeira, A Virgem do Amparo. Geralmente realizava-se uma sessão extraordinária para tratar da festa e dos recursos indispensáveis para tais fins, como exemplifica a sessão de outubro de 1873 (TRIBUNA DA BAHIA, 2012).

Recorrer à Virgem do Amparo era uma prática comum dos desfavorecidos e marginalizados da sociedade de então. Pensar nesse título para intitular sua obra, sem dúvida, era para o Padre Siquera materializar uma relação afetuosa já existente entre os desvalidos e a Mãe de Deus que, aliás, era a única, até então, a quem eles podiam recorrer e onde encontrar amparo. Com certeza, nesse título, ele encontrava a alma, a identidade da Escola Doméstica.

Essa relação de fé, germinadora do amparo de Maria, nasce de uma sociedade escravista, detentora da liberdade e dignidade de uma maioria estigmatizada e privada do amparo humano comum a todo e qualquer cidadão. Se olharmos o histórico da fundação da cidade de Amparo – SP e dos distritos de Amparo, em Barra Mansa – RJ e Amparo em Nova Friburgo – RJ, veremos grandes centros de produção de café das Províncias no século XIX, todos povoados por escravos, para a mão de obra na lavoura do café, onde a devoção ao amparo de Maria se tornou muito popular.

Apesar de ser citado o século XIX, a devoção a Nossa Senhora do Amparo é antiga, como pode-se constatar pelo ano de construção da Igreja de Nossa Senhora do Amparo em 1613, em Olinda - PE, e do ano de lançamento da pedra fundamental do Convento de Nossa Senhora do Amparo, da então Custódia dos Frades Menores, Custódia da Imaculada Conceição, em São Sebastião – SP, em 11 de maio de 1664:

Situada no Largo do Amparo, em Olinda, a Igreja de Nossa Senhora do Amparo foi construída, em 1613, pela Irmandade de Nossa Senhora do Amparo dos Homens Pardos (VAINSENER, 2016).

Segundo o livro “Páginas de História Franciscana no Brasil”, de Frei Basílio Rower, os moradores na Vila Itararé, que hoje se chama Bairro de São Francisco, queriam muito a presença dos “Padres de S. Francisco e Santo Antônio” e Antônio Coelho de Abreu, casado com Luzia Alves, sem filhos, doou (22 de março de 1658) para o então Custódio da Imaculada Conceição, Frei Pantaleão Batista, um terreno de “cem braças de terra”, onde existia uma capelinha dedicada a Nossa Senhora dos Desamparados, mas que na escritura pediu que o título fosse “Nossa Senhora do Amparo” (MITRA DIOCESANA DE CARAGUATATUBA, 2016).

Nota-se que a Igreja de Olinda foi construída pela Irmandade de Nossa Senhora do Amparo dos Homens Pardos, ou seja, escravos ou ex-escravos; e a capelinha existente no terreno em São Sebastião foi dedicada a Nossa Senhora dos Desamparados, sendo depois intitulada de Nossa Senhora do Amparo.

## 1.4 A CONGREGAÇÃO

A Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo tem raízes na inspiração pneumatológica do Pe. João Francisco de Siqueira Andrade, que deu sua vida pela causa da educação do menor carente do Brasil (cf. REVISTA DO CENTENÁRIO, 2006, p. 4). Fundada em Petrópolis – RJ, em 1906, com a finalidade de educar e formar o coração das crianças mais necessitadas, garantindo-lhes uma profissão e um lugar decente na sociedade, como boas mães de famílias, professoras, pessoas dedicadas ao bem do próximo.

Primeiro surgiu a Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo, em 1871, para atender às necessidades da época e aos apelos de Deus. Com o objetivo de salvaguardar a magnânima inspiração da obra - o Carisma Amparo - surge a Congregação de Nossa Senhora do Amparo, como Filhas de Maria, em 23 de março de 1888; estas congregadas tornaram-se franciscanas em 09 de março de 1889, atendendo ao desejo expresso do Padre Siqueira em seu testamento: “Que o pessoal docente, uma vez organizado, tome o título de Congregação de Nossa Senhora do Amparo e que para a sua boa ordem e direção, tome a Regra da Terceira Ordem de São Francisco da Penitência” (ANDRADE, Testamento, 1880, In: SANTO DEUS; SILVA, p. 223).

A diocese de Petrópolis reconhece esta Congregação como diocesana em 17 de janeiro de 1906. Dom João Francisco Braga foi o responsável pela aprovação Diocesana desta nova flora-

ção na Igreja. Assim, Irmã Francisca Pia<sup>5</sup>, à frente das primeiras Irmãs, vê realizadas as últimas vontades do Padre Siqueira em seu testamento (14.11.1880) e funda outras filiais, como era sonho do fundador da Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo. Os serviços prestados pela Escola de Petrópolis vão sendo conhecidos e requisitados em outras regiões, surgindo: Asilo Isabel – Rio de Janeiro (1891); Colégio D. Carolina Tamandaré – São Paulo (1893); Asilo Furquim – Vassouras, Rio de Janeiro (1895); Asilo Porciúncula – Vassouras, Rio de Janeiro (1896); Externato Nossa Senhora do Amparo – Niterói (1912); Escola Doméstica Maria Raythe – Rio de Janeiro (1914); Escola Doméstica Cecília Monteiro de Barros – Barra Mansa, Rio de Janeiro (1915); Externato Nossa Senhora do Amparo – Bingen, Petrópolis-RJ (1924); Asilo Nossa Senhora do Amparo – Madureira, Rio de Janeiro (1925); Colégio Nossa Senhora do Amparo – Surubim, Pernambuco (1929).

Posterior à morte de Francisca Pia, a Congregação continuou sua caminhada e novas casas foram surgindo, nos mesmos e em outros estados do Brasil: Rio de Janeiro, Espírito Santo, Alagoas, Minas Gerais, Ceará, Bahia, Pernambuco, São Paulo. No espírito do Concílio Vaticano II (1962-1965) foram abertas pequenas fraternidades nos estados já mencionados.

---

<sup>5</sup> Conforme consta PINHEIRO e SANTO DEUS (1991, p. 18-19), Francisca Narcisa de Siqueira (Francisca Pia) é sobrinha do Padre Siqueira e com 20 anos de idade, após receber o diploma de professora, foi convidada e trazida pelo tio à Petrópolis para assumir a Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo: “*Acreditava na sua competência e formação recebidas no lar e no Colégio, e desejava entregar-lhe a direção do novo Instituto, sob o qual pairavam as bênçãos de Nossa Senhora do Amparo*”. Ela é, também, fundadora da Congregação por realizar o desejo testamentário do tio.

Em 2006 chega também à Angola, com frente de missão, instalando duas fraternidades: uma diretamente voltada à educação e a outra voltada à evangelização e à saúde. Obedecendo a fluidez da mesma inspiração inicial, o Carisma chega às terras amazônicas, com pequenas fraternidades: em Faro, PA (2014) e em Nhamundá, AM (2016).

Atualmente, vem marcando a expansão do Carisma a existência de grupos leigos intitulados de “Guardiões e guardiãs do Título de Nossa Senhora do Amparo”. São denominados de Fraternidade Leiga Ser Amparo, constituída de homens e mulheres que abraçam com muita liberdade e afincos o mesmo Carisma das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo. Cinco grupos já foram oficializados, nas cidades de Barra Mansa-RJ (primeiro grupo a ser oficializado, em 2012), Rio de Janeiro, Maceió, Surubim-PE, Mateus Leme-MG, além de outros ainda não oficializados.

Após caminhada de sete décadas o Papa João Paulo II (1978-2005) concedeu a aprovação Pontifícia<sup>6</sup> a esta Congregação em 24 de março de 1979:

<sup>6</sup> PINHEIRO e SANTO DEUS (1993, p. 164), descreve o termo de aprovação dado pela Sagrada Congregação dos Religiosos e Institutos Seculares: “*O Instituto das ‘Irmãs Franciscanas de N. Senhora do Amparo’ surgiu pelo fim do século XIX, na cidade de Petrópolis, por obra e zelo do Pe. João Francisco de Siqueira Andrade e com a ajuda de Francisca Narcisa de Siqueira. A finalidade da obra inspirada pela caridade cristã, era instruir adequadamente meninas desamparadas, sobretudo nos misteres domésticos. [...] Por isso, este Sagrado Dicasterio dos Religiosos e Institutos Seculares, considerando as letras testamentais acima mencionadas, ouvindo o voto dos PP. Consultores e feita a discussão do assunto em Sessão Plenária do dia 1º de dezembro de 1978, constitui e confirma, pelo presente decreto, a Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo em Instituto de Direito Pontifício, e ordena que todos*

As Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo formam uma Congregação Religiosa de Direito Pontifício que, por inspiração divina, nasceu do zelo apostólico do Padre Siqueira e do fiel seguimento de Irmã Francisca Pia ao Carisma do fundador (CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE NOSSA SENHORA DO AMPARO, 1990, CCGG Art. 1º).

Toda Congregação religiosa na Igreja encontra-se em suas origens uma ou mais pessoas carismáticas ou proféticas. Na medida em que o testemunho profético destas pessoas é vigoroso, surge normalmente o grupo de seguidores que assume a missão de tornar presente e perpetuar sua mensagem para o bem da Igreja e da humanidade. Assim, nasce mais uma Congregação ou Ordem religiosa (cf. BECKHÄUSER, 1993, p. 11). Sabe-se que Irmã Francisca Pia tem os mesmos méritos do Padre Siqueira na fundação da Congregação. Mas, quando refere-se ao Carisma, logo é evidenciada uma realidade anterior à fundadora, surgida com seu tio, o fundador da Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo.

Mesmo sendo a Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo oficializada em 1906, o Carisma Amparo é realidade brotada do século anterior, com o Apóstolo da Caridade - como assim era chamado pelos Jornais da época - Padre João Francisco de Siqueira Andrade.

---

*como tal a reconheçam – Dado em Roma, aos 24 do mês de março A. D. 1979, na festa da anunciação do Senhor - E. Card. Pirônio, Pref.; Augustinus Mayer, Secr.”.*

## 2 CARISMA AMPARO

Não é pretensão deste capítulo fazer uma abordagem histórica do Carisma (já contemplada no capítulo anterior) mas tentar descobrir seu significado mediante a história, numa interpretação teológica a partir da intuição fonte, do seu nascer e desabrochar. Será aprofundado, à luz do Evangelho, a identidade, a força e origem do Carisma Amparo, sabendo que a clareza do mesmo é indispensável para a fidelidade do grupo por ele constituído. É salutar recordar que as mais de 400 congregações surgidas no século XX, trazem como via de regra sua espiritualidade pautada em um apostolado específico: ensino, enfermos, pobres, idosos, família, missões, imprensa, dentre outros (cf. GRINGS, 1994, p. 245). No caso deste Carisma evidenciado, tem maestria o apostolado da educação em sua compreensão integral, a serviço da Igreja, da humanidade.

Como caminho dessa significação, abordar-se-á a trilogia fundante do Carisma Amparo: carisma, caridade e cuidado; a constatação do Amparo como Carisma, evidenciando-o como realidade suscitada pelo Espírito, de início em uma pessoa, Padre João Francisco de Siqueira Andrade e, depois, assumida também por outras, como projeto real e concreto, cabível em qualquer situação histórica. Por fim os protótipos do Carisma Amparo: Jesus, como aquele que não só se apre-

senta como modelo, mas a quem deve tê-lo como Mestre; e depois, Maria, Francisco e Clara.

## 2.1 A TRILOGIA FUNDANTE

A experiência fundante do Carisma Amparo nasce em atos profundamente evangélicos, ancorada em três forças pujantes: carisma, caridade e cuidado. Fazedora de uma praxe extremamente humano-espiritual, nela a realidade divina se encarna e o humano ganha a sua máxima dignidade porque visibiliza o encontro do transcendente com o imanente. Dessa união, o Reino de Deus acontece e uma nova ordem é formada.

### 2.1.1 Carisma

O dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999), entre outras definições, apresenta *Carisma* como: “1. Força divina conferida a uma pessoa, mas em vista da necessidade ou utilidade da comunidade religiosa. 2. Atribuição a outrem de qualidades especiais de liderança, derivadas de sanção divina”. A palavra “carisma”, em sua etimologia e significado, trazida por Romano (2012, p. 424) designa “o objeto e o resultado da graça divina (*charis ou chairein*, palavras-geradoras do Antigo e do Novo Testamento, significando a gratuidade, benevolência e o dom de Deus que se abre e entrega ao homem), uma espécie de favor ou de presente de Deus aos crentes de toda ordem

e grau”. Historicamente nos deparamos com um termo desconhecido no grego clássico, nas religiões místicas do ambiente helenístico e também no povo bíblico, exceto no Novo Testamento:

O uso da palavra é certamente criação de Paulo, para indicar todos aqueles fenômenos particulares e manifestações que derivam da fé expressa nas comunidades fundadas por ele, especialmente em Corinto. Em suas Epístolas, Paulo apresenta quatro listas de carismas: 1 Cor 12, 8-10; 1Cor 12, 28-30; Rm 12, 6-8; Ef 4, 11. Paulo lê, nesses carismas, a ação e a eficácia da única graça, ofertada benévola e gratuitamente pelo único Espírito, que diversifica sensivelmente em cada cristão (1Cor 12, 4-11.12-27.28-31), para produzir em cada um deles uma determinada capacidade, apta a desenvolver dinamicamente a edificação de toda a comunidade eclesial (1Cor 14, 12) (ROMANO, 2012, p. 427).

É precisamente a articulação do pensamento de Paulo, com uma exceção apenas (1Pd 4,10) que permite aprofundar a compreensão da essência e do significado dos carismas na multiplicidade das suas manifestações, e em seu caráter orgânico para o bem comum e a unidade no mesmo Espírito. São dons que não podem ser apropriados de modo individualista. Quem deles se apropria, torna-os dons estéreis, efêmeros e sem fruto, conforme 1Cor 13, 1-3. São dons suscitados pelo Espírito pelo bem comunitário.

Boff (cf. 1982, p. 234-249) faz uma longa descrição de carisma, trazendo-o como princípio norteador de toda orga-

nização eclesial, como acontecimento do Espírito, o mesmo que ressuscitou Jesus dentre os mortos, transformando-lhe a existência, de carnal para pneumática, e depois desceu sobre os Discípulos para fazê-los Apóstolos, fundadores de comunidades eclesiais. Quem anima uma forma específica de organização é o Espírito. Em Paulo o carisma constitui o registro comum da estruturação comunitária. O carisma é a manifestação da presença do Espírito nos membros da comunidade, fazendo com que tudo o que são e fazem, seja feito e ordenado em benefício de todos, sendo o amor concreto o carisma dos carismas, o serviço de todos os serviços que se pode prestar a alguém: “o amor nunca há de acabar” (1Cor 14,1). Carisma é serviço. É função. Deve se ordenar não ao próprio interesse mas ao interesse comunitário.

Até ao Vaticano I, a concepção de carismas era representada mais que tudo pela opinião de que eles fossem apenas dons extraordinários, emergentes e transitórios, oferecidos principalmente pela Igreja das origens e comunicados pela imposição das mãos dos apóstolos. Com o Vaticano II, recompõe-se uma dinâmica e equilibrada parábola de revalorização dos carismas, por uma nova e verdadeira revalorização da dimensão carismática da Igreja. K. Rahner é o teólogo do século XX mais influente da questão:

A Tese de Rahner é bastante explícita sobre esse ponto: o elemento carismático não está à margem da Igreja, mas pertence igualmente, necessariamente, à sua essência, como os ministérios e os SACRAMENTOS. A única diferença está no fato de que o carisma,

pertencendo à livre e imprevisível ação do Espírito, emerge na história em formas sempre novas e, a Igreja inteira deve tornar-se acolhedora de maneira sempre nova (ROMANO, 2012, p. 427).

Na perspectiva sociológica, Weber compreende carisma em diferentes situações apontando a possibilidade de se tornar objeto da manifestação carismática um ideal ou valor qualquer, de caráter religioso, ético, político, mágico, filosófico, estético e até econômico. Sua intenção era transpor o conceito da esfera teológica para âmbito sociológico, dizendo ser o Jesus dos Evangelhos o exemplo de um chefe-carismático segundo os acentos da perspectiva sociológica, visto que, com sua vida provocava uma ruptura no tradicionalismo, fazendo uso da sua autoridade carismática em um processo que denomina profecia. Para Weber, segundo J. Castellano, o carisma, assim descrito, possui características tais que interpelam de maneira insólita, espontânea e criativa. O chefe-carismático é então o agente principal que provoca e determina particular efervescência coletiva, um contexto social carismático. Percebemos limitação da visão sociológica do carisma justamente por não saber distinguir adequadamente aquelas que são realidades do espírito, os carismas, das realidades extraordinárias que são os talentos, ou seja, atitudes naturais que pertencem ao ser humano em razão de sua humanidade (cf. ROMANO, 2012, p. 427).

Na compreensão franciscana, o componente estável do carisma, tendo como referência Francisco, é a fidelidade à novidade permanente do Evangelho, como serviço que corres-

ponde às ânsias concretas da Igreja e que se torna possível graças à escolha da pobreza absoluta; e o componente variável desse carisma é composto pelas diversas formas de serviço. Ou seja, o carisma, na visão franciscana, requer uma contínua conversão ao Evangelho, abertura à criatividade do Espírito e disponibilidade a toda forma de serviço na Igreja (cf. OLGIA-TI, 1993, p. 855).

Na ótica franciscana do amparo, o carisma é um dom do Espírito do qual ser humano algum tem o direito de exercer nele senhorio. A pessoa é sempre por ele possuída e sustentada e nunca posição contrária. De antemão ele é gerado, não cabendo a presunção de se afirmar que foi gerado por alguém, no caso, um ser humano. Portanto, abrir-se aos seus apelos, a sua convocação é opção fundamental para que o carisma torne-se realidade na Igreja (cf. CADERNO 2 DA FORMAÇÃO PERMANENTE, 1998, p. 97).

Como plausibilidade de compreensão da origem de um carisma está a distinção fundamental entre “carisma de fundador” e o “carisma do fundador”. Lozano explica que o fundador ou fundadora recebe duplo dom: primeiro o que habilita para criar uma família evangélica na Igreja; segundo o que o orienta para o gênero de vida e um serviço na comunidade. O primeiro é seu como pessoa, intransmissível, compreendendo persuasão, compreensão, expressão e santidade – todos frutos de uma profunda e fecunda relação com Deus; no segundo coincidirá com os membros de seu grupo e será por isso carisma do instituto (cf. ROMANO, 1994, p. 494).

## 2.1.2 Caridade

O Carisma é um dom oferecido por Deus para a salvação do outro. E a salvação só acontece mediante o amor: “Deus amou tanto o mundo que entregou seu Filho único, para que todo aquele que nele crer não morra mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16); “Deus é caridade” (1Jo 4, 8.16), assim encontramos na tradução latina. Etimologicamente *carisma* e *caridade* se aproximam. Carisma, conforme afirma Paulo, é a manifestação do Espírito em vista do bem comum (cf. 1Cor 12, 7); e, Caridade é o dom mais importante entre os carismas concedidos pelo Espírito (cf. 1Cor 13, 13). Do latim *carus*<sup>7</sup>, caridade expressa a ideia de “grande valor”, algo fundamental que se torna virtude à medida que o ser humano é capaz de impulsionar a vontade pessoal a agir em prol do bem. Também, do latim *caritas*, que tem origem no vocábulo grego *chàris*, caridade pode ser entendida como sentimento ou ação altruísta de ajuda a alguém sem busca de qualquer recompensa. A prática da caridade é notável indicador de elevação moral e uma das práticas que mais caracterizam a essência boa do ser humano, sendo, em alguns casos, chamada de ajuda humanitária (cf. LOZANO, 1994, p. 91, 95).

Pode-se afirmar que a caridade de Deus pelos seres humanos concretiza-se plenamente em Jesus: ele é a própria reve-

---

<sup>7</sup> “É possível que, no sentido da palavra *carus*, são Jerônimo tenha utilizado o termo correlato *charitas* para traduzir a palavra grega *ágape*, em sua versão do Novo Testamento denominado Vulgata, escrita em 385 e 406” (CORREA JUNIOR, 2002, p. 61).

lação do Pai, a sua presença palpável e concreta no mundo. O modo pelo qual Jesus comunicou à humanidade o ágape divino não foi senão pela prática do bem: “Passou fazendo o bem” (cf. At 10, 38); com frequência era chamado de “*bom Mestre*” (cf. Mc 10, 17; Lc 18, 18); veio buscar e salvar o que estava perdido (cf. Lc 19, 10); vive uma vida de serviço (cf. Mt 20, 28). Jesus não ama com um amor qualquer, mas na experiência de amor realizada entre ele e o Pai: “como o Pai me amou, assim também eu vos amei” (cf. Jo 10, 11-15). Quem de Jesus se aproxima é levado a fazer o mesmo.

Portanto, confirma-se que a caridade é Deus e a nossa caridade será Deus feito nós, ou melhor, nós feitos Deus, transformados nele e vivendo a sua vida, fazendo parte da vida íntima trinitária. A caridade exprime o ser e o agir próprio do cristão.

Assim como Jesus, em sua experiência de comunhão agápica, a prática do *ágape* coloca o ser humano em sintonia com a caridade por excelência. *Ápape*, ou *o amor agápico*, é o carisma mais perfeito, superior ao dom das línguas, ao conhecimento, ao dom de fazer milagres e, até mesmo ao martírio. Trata-se do amor resgatado e assumido pelas pessoas que seguem o caminho de Jesus Cristo, amor que permite o convívio comunitário e promove o compromisso político e cidadão com a vida, em todas as suas dimensões (cf. ROMANO, 2012, p. 76-77).

No Compêndio do Catecismo da Igreja Católica (2005), encontra-se que: “a caridade é a virtude teologal pela qual amamos a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós

mesmos por amor a Deus. Jesus faz dela o mandamento novo, a plenitude da lei. A caridade é ‘vínculo da perfeição’(Col 3,14) e o fundamento das outras virtudes, que ela anima, inspira e ordena”. Podemos afirmar, portanto, que para nós cristãos “Amar a Deus sobre todas as coisas” constitui a parte fundamental da caridade. Pois quem tem amor, prova, não somente com palavras mas com ações.

### 2.1.3 Cuidado

“O cuidado se apresenta como epocal, dada a situação crítica pela qual passa a humanidade” (BOFF, 2012, p. 17). Filosoficamente pode-se dizer que as normas e esquemas conceituais ou padrões culturais não são critérios estabelecedores para o cuidado da vida, pois este é fruto de um envolvimento total, na sensibilidade do corpo, com sentimento e de coração, sem nenhum resquício de domínio ou sobreposição. O cuidado não é gerado na esfera das ciências da razão, e sim no âmbito da percepção dos sentidos do corpo, lugar revelador da realidade das coisas que nos ajudam a cuidar da vida. Bem antes de qualquer saber o corpo humano está no *espontâneo cuidado* (cf. BUZZI, 2014, p. 13-36). O sair de nós mesmos, numa cultura do encontro, como afirma o papa Francisco, é a condição mais necessária para se viver de modo pleno e num contínuo aprendizado do cuidado pela vida.

Boff (cf. 2012, p. 17) apresenta a temática “cuidado” como necessidade vital para a existência da vida e aponta duas sig-

nificações preponderantes. A primeira, designa o desvelo, a solicitude, a atenção, a diligência e o zelo que se devota a uma pessoa ou a um grupo ou a algum objeto de estimação. O cuidado mostra que o outro tem importância porque se sente envolvido com sua vida e o seu destino. A segunda significação deriva da primeira. Por causa deste envolvimento afetivo, o cuidado passa a significar: a preocupação, a inquietação, a perturbação e até o sobressalto pela pessoa amada ou com a qual se está ligado por laços de parentesco, amizade, proximidade, afeto e amor. O cuidado faz do outro uma realidade preciosa. Conforme o autor, cuidar e ser cuidado são duas demandas fundamentais de nossa existência pessoal e social, é da essência humana, nos acompanha ao longo da vida e se impõe para que esta tenha continuidade:

O cuidado é a condição necessária para que algo possa existir e subsistir; é a disposição antecipada de toda prática e toda a ação. Sem ele as coisas não irrompem para a existência, como a lógica do universo o comprova; a prática deixa de ser construtiva e expressão da liberdade para ser apenas atos inconsistentes e atabalhoados. O cuidado é uma forma de amor, e o amor é a concretização do cuidado essencial (BOFF, 2012, p. 64).

A partir de tais considerações leva-se a concluir que o cuidado é regra constituinte de expressão de amparo, pois nele as coisas - e principalmente as pessoas - se rompem para a existência, fazendo surgir um humano humanizado, que exerça sua liberdade, mostrando as possibilidades que esconde dentro de si, expandindo sua humanidade.

Ao viver o cuidado, o ser humano vai mostrando sua real natureza e necessidade de amparo tanto para si como para o outro, na justa medida que lhe é inerente. O cuidado é, portanto, princípio encarnatório de amparo porque implica envolvimento real e concreto, existencial e afetoso; faz dar a luz ao que há de melhor e de mais humano da pessoa.

## 2.2 ORIGEM DO AMPARO COMO CARISMA

Entre outras definições, Ferreira (1999) caracteriza *Amparo*, como: “1. Pessoa ou coisa que ampara; escora, esteio, arrimo. 2. Auxílio, ajuda, socorro. 3. Refúgio, abrigo”. A etimologia vem do latim *anteparare*, significando pôr alguma coisa diante para prevenir e proteger. O verbo *parare* procede de uma raiz indoeuropeia *pere*, gerando em latim o verbo sufixado *parere* (dar a luz, parir). Há, nesta definição, uma real aproximação entre a raiz do verbo *amparar* e o verbo *educar*, pois o “latim *educare*, *educere*, significa literalmente “conduzir para fora” ou “direcionar para fora”. O termo latino *educare* é composto pela união do prefixo *ex*, que significa “fora”, e *ducere*, que quer dizer “conduzir” ou “levar” (cf. NASCENTES, 1966, p. 40). Desta relação etimológica, podemos afirmar que, o ato de amparar está intrinsecamente imbricado no ato de educar. A etimologia do verbo substantivado em questão sugere um ato que garanta arrimo, abrigo e proteção para com a pessoa desamparada com o objetivo de nela despertar, fazer nascer e vir para fora o que há de melhor, o que é humanizador.

Para elucidar a existência do Amparo, Mazzuco (cf. 2006, p. 20) brilhantemente afirma que “O Amparo existe para cuidar da vida e qualificar o humano”. Torna-se viável, então, afirmar que amparo é uma força movedora do cuidado, provedora da sensibilidade do cuidar da vida, em particular daquela mais vulnerável. É jeito de ser do Deus que ampara, protege, provê, cuida, zela. É uma expressão viva de uma prática e a fonte de uma espiritualidade do cuidado germinada na existência concreta de um Deus que se faz Mãe. Sendo assim, somos levados a concluir que podemos rejeitar a compreensão simplória de amparo como paternalismo, assistencialismo, superproteção.

### 2.2.1 Acontecimento Teológico Existencial

Todo princípio organizacional evangélico é regido por um carisma provindo do Espírito, em benefício do bem comum, revelado não pela carne nem pelo sangue, mas pelo Pai que está nos céus (cf. Mt 16, 17b), que não se pode explicar simplesmente com fórmulas sociológicas: pois há nela uma verdadeira novidade que transcende a ordem humana (cf. MR 1). Mesmo que esta novidade esteja desprovida da lógica humana ela acontece na total abertura de uma pessoa concreta e esta torna-se fundamental como lugar teológico existencial, como lugar visível da inspiração pneumatológica. No caso do Carisma Amparo, Padre Siqueira é essa pessoa concreta, esse lugar teológico existencial, que revela um modo palpável de

comprometimento com Deus e com a humanidade (cf. BOFF, 1982, 234).

O Carisma é um dom oferecido por Deus para a salvação do outro. Dom excepcional e extraordinário que Deus concede a alguns cristãos não para seu bem pessoal, e sim para o bem de toda a Igreja. É um dom pessoal, no sentido de que transforma a pessoa do fundador preparando-o para uma vocação e missão particular na Igreja (LOZANO, 1994, p. 91-95).

Movido pelo Espírito, Padre Siqueira inaugura, em 22 de janeiro de 1871, a Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo, destinada a meninas vítimas da perdição, forçadas pela miséria e a ignorância (conforme apresentamos no capítulo I). Desde o tempo de estudante, antes de ser ordenado, a educação da mocidade constituía o objeto principal dos seus cuidados e preocupações. Havia decidido que logo após abraçar o sacerdócio iria se ocupar de um asilo de meninos pobres.<sup>8</sup>

[...] instituir a Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo era em mim um pensamento assentado, quando se deu uma circunstância feliz que veio convencer-me de que o meu pensamento vinha de Deus (HÓSTIA, 2013, p. 116).

A partir da visão pós conciliar (Concílio Vaticano II, 1962-1965), especialmente nos documentos *Evangelica Testificatio* (1971) e *Mutuae Relationes* (1977) certifica-se que o dom do

---

<sup>8</sup> O padre Siqueira muda de planos: “não mais fundar um estabelecimento para o sexo masculino, mas para o sexo feminino” após confrontar-se com a dura realidade em que se encontravam as *meninas* pobres.

Espírito que chamamos de carisma oferecido benevolmente ao Pe. Siqueira, chama-se Amparo, expresso na inteira caridade prestada às desvalidas<sup>9</sup> e ingênuas<sup>10</sup> no contexto da segunda metade do século XIX, no Brasil Império.

Referindo-se especificamente ao “carisma de fundador”, nota-se que, o Padre João Francisco de Siqueira recebeu esse dom, provindo do Espírito, perceptível em todos os seus escritos e que perpassa de modo claro e evidente a sua existência. O mesmo afirma, no documento de 1868 a 1877 da Instituição por ele fundada, intitulado de Apelo ao País, que a Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo é resultado prático do que ele observou no decorrer de nove anos de contínuo peregrinar por inúmeras Províncias do Império; e os quatorze anos de sacerdócio não tem vivido senão para o bem da humanidade. Mais adiante, no mesmo documento, continua a dizer: “a minha convicção de que era chegado o tempo, e de que a obra era de Deus, que nunca deixou de velar sobre este país era tão forte, que minha divisa única foi e é ‘ou a morte ou o triunfo’ de uma empresa, que a considero divina” (HÓSTIA, 2013, p. 112). Atestam o carisma de fundador, além da experiência humana notória, os escritos pessoais e públicos, as diversas regras por ele elaboradas.

Recentemente foram descobertos textos de Siqueira. Segundo Beckhäuser (cf. 2014, p. 98), neles encontramos Cons-

---

<sup>9</sup> De acordo com Siqueira, citado por Hóstia (2013, p. 103), meninas inteiramente pobres e órfãs expostas ao desamparo.

<sup>10</sup> Segundo Siqueira, citado por Hóstia (2013, p. 103), ingênuas ou libertas eram as filhas de escravas nascidas a partir da Lei do Ventre Livre, datada de 28 de setembro de 1871.

tuições ou Orientações para vários tipos de Congregações, Associações ou Irmandades, inclusive, o projeto de Congregação religiosa de consagradas, uma “Congregação Docente” e uma Congregação Apostólica. Constituído de único capítulo e artigo, o Padre elaborou, em 1876, o estatuto da Congregação Docente a ser aplicado ao grupo organizado conforme cita em seu Testamento; a Regra de Vida para a Congregação de Nossa Senhora do Amparo, com dezoito capítulos (com original bastante ilegível); Estatutos da Congregação Protetora dos Asilos – Escolas Consagradas à Educação Doméstica e Religiosa da Infância Desvalida, constando de oito capítulos e trinta e sete artigos; Congregação dos Benfeitores Adjuntos à Congregação Apostólica, tendo sete artigos; Constituição da Congregação Apostólica, quatro artigos e o Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora da Piedade, construído em três capítulos.

A expressão “carisma dos fundadores” designa, em seu significado geral, aquele dom do Espírito oferecido benevolmente por Deus a alguns fundadores, homens ou mulheres, a fim de produzir neles determinadas capacidades que os fazem aptos para dar à luz novas comunidades de vida consagrada na Igreja (LOZANO, 1994, p. 95).

O próprio carisma dos Fundadores revela-se como uma experiência do Espírito, transmitida aos próprios discípulos a fim de ser por eles vivida, conservada, aprofundada e constantemente desenvolvida em sintonia com o Corpo de Cristo em perene crescimento. É por isso que a Igreja protege e apoia a índole própria dos diversos Institutos Religiosos (cf.

VATICANO II, LG, art. 44). Essa índole própria comporta outrossim um estilo peculiar de santificação e apostolado, que estabelece uma determinada tradição própria (cf. JOÃO PAULO II, RM, N. 11).

### 2.2.2 Acontecimento Teológico Histórico

O edifício construído, o serviço prestado à Igreja e à sociedade até os dias atuais provam a existência histórico-fundacional do carisma Amparo. Além desses, jornais impressos contemporâneos à fundação da Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo, principais veículos de comunicação nas províncias, na época do Brasil Império, registraram o vigor germinante presente na realização do ideal do Padre Siqueira; registraram a força nascente de uma realidade provinda do Espírito. A magnificência do Carisma como força motriz da Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo perpassaram as páginas dos jornais: *O Mercantil* em 1868 e 1875; *O Apóstolo* em 1868, 1870, 1871, 1877 e 1878; *Diário de São Paulo* em 1869 e 1877; *Diário do Rio de Janeiro* em 1877; *A Reforma* em 1871; *Correio Paulistano* em 1871, 1872, 1874, 1878, 1883, 1887; *Correio do Brasil* em 1872; *O Monitor da Bahia* em 1877; *A Sentinela* em 1884. Somos certos de que o carisma não é apenas realidade histórica, mas é nela fecundada:

[...] estabelecer tão oportunamente uma casa para onde se recolham essas órfãs, que a desgraçada guerra do Paraguai tem feito, é por certo, olhar muito para

o futuro do Brasil; é velar pelo seu bem estar procurar um estabelecimento, como a Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo, seja um núcleo de vantagens para a pobreza, que é aí educada; para as famílias, que com segurança acharão criadas e governantes de uma educação conveniente (SANTO DEUS; SILVA, 2014, p. 285).

Tão boas intenções como as que nutre o nosso patricio e amigo, poderá alguém conceber, melhores, ninguém. Louvamo-lo, pois, e fazemos votos para que em breve, possamos usufruir dos belos resultados de sua empresa, embora, todavia, não nos seja dado ignorar a resistência, que se lhe oporá e a luta que terá se sustentar com enormes dificuldades. [...] Que a empresa seja realmente espinhosa e difícil, não há que desconhecer, mas que ela tem um poderoso equivalente na firmeza de vontade de seu autor, também é fora de dúvida (SANTO DEUS; SILVA, 2014, p. 287).

A esforços do Rev<sup>mo</sup> Padre João Francisco de Siqueira Andrade, incansável no sacrossanto trabalho da caridade cristã, vai se abrir em Petrópolis, a Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo, destinada ao desenvolvimento moral e educação religiosa de muitas míseras crianças, que, sem arrimo na vida, andam por aí ameaçadas pela terrível voragem da prostituição (JORNAL A REFORMA, 1871, In: SANTO DEUS; SILVA, 2014, p. 289-290).

Entre muitos acontecimentos históricos, as viagens – via concreta de percepção da realidade - do fundador da pia instituição tem sua relevância para o carisma nascente. O impacto dos fatos e a resposta aos mesmos, à luz da fé, geraram articulações decisórias. Em suas peregrinações percebe grandezas

e limites: culturais, religiosos, sociais, econômicos, políticos e estruturais, servindo como útero latente de uma herança espiritual e uma praxe evangélica. A viagem ao Paraguai, como voluntário do 7º Batalhão de Voluntários da Pátria, além de outras, antes dessa, que havia feito no interior das províncias de São Paulo, Minas, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, suscitaram o misterioso desejo de criar um estabelecimento pio, onde “não só se pudessem salvar essas infelizes filhas dos verdadeiros patriotas do Brasil, dos perigos e do horror das misérias e desgraças em que uma guerra desastrosa as havia de lançar” (ANDRADE, Memorial de Viagens, In: SANTO DEUS; SILVA, 2014, p. 213). Eis o que descreve em seu diário de viagens acerca da realidade por ele deparada:

Os tempos se passaram... O anjo da morte passava sobre todos os telhados, anunciando cada dia a orfanidade em novas famílias desvalidas! O luto enegrecia as entradas dos templos e as lágrimas lavavam os pavimentos. As choupanas se fechavam e as desgraçadas viúvas, cobertas de andrajos, levando diante de si suas tenras filhinhas, apresentavam-se às portas dos taberneiros para solicitar-lhes uma fatia de pão! Meu Deus! Quantos infortúnios eu presenciei! Quantos insultos àquelas pobres viúvas!... quantas atrocidades àquelas infelizes vítimas... por orgulho ou capricho de um malvado! Quem sabe quantos outros horrores ocasionados pela fome e pela miséria! Não! Disse eu, não é possível conter os impulsos do meu coração! Não há para mim maior sacrifício. Não vou salvar toda essa porção frágil e desafortunada da humanidade; uma só infeliz que, com a graça do Senhor e proteção da Augusta Virgem do Amparo, nossa Mãe e Protetora, eu possa salvar do ameaçador naufrágio,

já me será uma inexcelsível consolação (HÓSTIA, 2013, p. 44).

Ao encontrar desproporção no projeto educacional do país, - que aliás era degradante - que, em vez de preparar condignamente as infelizes órfãs, tecia-lhes um futuro cheio de dor, oferecendo uma educação inadequada a sua condição, Padre Siqueira lê a realidade e vê na educação o jeito mais concreto de amparar. “Magoado pelas desgraças que atropelam a nossa terra, o Revdo. Padre Siqueira sondou-lhe as causas e o quis pôr termo a elas” (JORNAL CORREIO DE SÃO PAULO, 1870, In: SANTO DEUS; SILVA, 2014, p. 260). O contexto histórico do Brasil na segunda metade do século XIX é marco norteador da origem do carisma Amparo, portanto, é uma resposta concreta à sociedade. Mediante a realidade humana degradante, este é um fato teológico histórico emergido de forma nova e necessária.

### 2.2.3 Acontecimento Teológico-evangélico Real

Segundo as Constituições Gerais da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo, “O Carisma Franciscano do Amparo, legado de Amor dos Fundadores, brotou da fiel obediência ao Evangelho” (CCGG, art. 5). A partir dessa afirmação pode-se dizer que a motivação encontrada por Padre Siqueira para fundar a Escola foi a de atender a um ultimato proveniente do Evangelho, pois para ele a Palavra não

era apenas letra mas espírito e vida, porque Evangelho de Jesus. Segundo ele mesmo descreve, seu objetivo principal era “salvar as meninas pobres da perdição, forçadas pela miséria; formar boas mães de família” (HÓSTIA, 2013, p. 89). O ponto básico das suas preocupações não era simplesmente a manutenção das crianças recolhidas, nem tampouco a conclusão do novo edifício material. O ponto ápice de suas preocupações era a nobilíssima tarefa da educação das asiladas, pois para ele educação e amparo formavam uma única realidade.

A compreensão é a de que, para Padre Siqueira, a vivência do Evangelho não tinha outro caminho senão o da caridade cristã. Esta era para ele argumento para salvar vidas: “A salvação, portanto, dessas meninas depende da vossa caridade, a qual espero que não me há de faltar” (SANTO DEUS; SILVA, 2014, p. 40) - escreve ele no jornal A Reforma, em 11 de janeiro de 1871, onze dias antes da inauguração da obra. Encontramos doze Apelos à Caridade publicados por Padre Siqueira em jornais da época, citados na obra de Santo Deus e Silva (cf. 2014, p. 37-67). Como administrador da caridade dos benfeitores, compreendia a caridade sob a mais elevada forma, queria educar as desvalidas para uma profissão e para o lar, habilitando-as para viverem honestamente de suas próprias aptidões. Ele mesmo é cognominado de Apóstolo da Caridade, Apóstolo de Cristo e sincero amigo da humanidade (cf. HÓSTIA, 2013, p. 83).

O Sr. Padre Siqueira, exemplar ministro da religião, de amor e caridade, que Jesus ensinou e praticou, é o

nome que a população honra com estima e consideração na zona da Província do Rio de Janeiro, onde a sua acrisolada abnegação e amor do próximo são conhecidos e compreendidos ao justo. (JORNAL O GLOBO, 1875, In: SANTO DEUS; SILVA, 2014, p. 266).

O estudo conduz à constatação de que no Padre Siqueira, pessoa totalmente carismática, em um momento histórico com realidade social degradante, mediante aplicação visível do Evangelho de Jesus, origina-se o carisma Amparo. Não há dúvida, o ideal ganha forma, nome e endereço, tornando-se um projeto evangélico real sob o véu e nome de caridade.

#### 2.2.4 Acontecimento Teológico Comunitário

Uma característica peculiar do carisma é a de ser um acontecimento teológico comunitário uma vez que, ao longo da história implica outras pessoas no processo de realização da inspiração inicial. A história nos aponta diversas mulheres - e também homens - que foram tocadas pela experiência fundante (cf. LOZANO, 1994, p. 96). Germinada no impacto entre a vida do Padre Siqueira e dos que abraçaram seu ideal essa experiência fundante foi interagindo e se modelando segundo as linhas do movimento particular do Carisma Amparo. Do primeiro grupo formado, tendo à frente Irmã Francisca Pia até a atualidade esse dom se faz presente, mesmo que, muitas vezes entre crises e reveses. Além do grupo de mulheres pertencente

à Congregação, é realidade teológico-comunitária a Fraternidade leiga dos guardiões e guardiãs de Nossa Senhora do Amparo composta por mulheres e homens de diversas regiões do Brasil.

Descobrir pessoalmente o sentido mais profundo do carisma do fundador é uma forma brilhante para o fortalecimento da identidade e da vocação pessoal do grupo uma vez que a conversão dócil e íntima ao dom recebido na unidade da experiência comum é parâmetro eficiente para discernir a atualização do carisma.

A experiência que está na origem dos carismas dos fundadores, pelo menos em nível pessoal do fundador, pode ser que seja pouco captada, identificando-se a Congregação com a obra predileta do fundador. A obra é decorrência de tal experiência. Nunca sua causa. Nem seu substitutivo. É possível que na fundação de uma Congregação não se atente a ela e se fixe na necessidade apostólica. E então confunde-se a experiência fundante mística com o apostolado. Este é mediação concreta da experiência fundante (LOZANO, 1994, p. 96).

Ao voltar o olhar para a realidade histórica da VRC, constata-se que as Congregações e Ordens que se distanciaram da intuição-carisma do fundador(a), deixando-se identificar mais pelas atividades concretas que desempenham, entraram em crise. A rapidez das mudanças de atividades do mundo presente faz com que as obras caduquem. A base está na experiência fundante, no carisma e não no apostolado. A missão deve ser decorrência da intuição.

É pertinente ressaltar que o “sustentáculo” da experiência fundante, bem como a inspiração e o sonho a ser alcançado, é o carisma. Congregações ou ordens que se afastaram desta fonte perdendo-se nas atividades apostólicas tendem a entrar em crise ou até mesmo se extinguirem, como nos aponta a história da VRC.

### 2.3 PROTÓTIPOS DO CARISMA AMPARO

Quanto aos protótipos de Amparo buscados pelo Padre Siqueira e que conseqüentemente devem buscar os continuadores de sua obra, são evidenciado de modo particular em seu Testamento. Neste, apresenta a Santíssima Trindade por primeiro e principal responsável de toda sua vida e missão; posteriormente, vem o título mariano dado à Escola e a indicação para que a Congregação, mais tarde organizada, tenha como nome de “Nossa Senhora do Amparo”; por último menciona a Regra da Terceira Ordem de São Francisco da Penitência para que seja observada pelo grupo a ser constituído. Além do Testamento, o fundador da Congregação Franciscana de Nossa Senhora do Amparo elaborou, entre outras, uma Regra chamada Congregação Docente, onde apresenta o preceito maior deixado por Jesus Cristo: “Deixai vir a mim os pequeninos porque deles é o reino dos céus”. Subjacente a esta constatação documental está a relação existencial do fundador, e sua praxe amplamente encarnada, com esses exímios modelos de amparo (cf. SANTO DEUS; SILVA, 2014, p. 222).

### 2.3.1 Jesus

A partir da Revelação em Jesus é que podemos falar da Trindade. Assim, o modelo trinitário apontado pelo Padre Siqueira torna-se perceptível por meio dos gestos concretos de Jesus, revelados nos evangelhos. O Nazareno age gratuitamente. É sustento, amparo para as pessoas principalmente na hora da dor, da vulnerabilidade, quando estas estão totalmente desprovidas de dignidade. Tira de situação de morte, concedendo-lhe vida. Muitos relatos dos Evangelhos nos mostram esse jeito de Jesus. O evangelista Marcos (Mc) 5, 27-43 apresenta esse jeito ampara-dor do mestre para com a mulher hemorrágica e a filha do chefe da Sinagoga:

<sup>25</sup> Ora, havia ali uma mulher que há doze anos sofria de uma hemorragia <sup>26</sup> e muito padecera à mão de vários médicos, tendo despendido tudo quanto possuía, sem, contudo, nada aproveitar, antes, pelo contrário, indo a pior, <sup>27</sup> tendo ouvido a fama de Jesus, vindo por trás dele, por entre a multidão, tocou-lhe a veste. <sup>28</sup> Porque, dizia: Se eu apenas lhe tocar as vestes, ficarei curada. <sup>29</sup> E logo se lhe estancou a hemorragia, e sentiu no corpo estar curada do seu flagelo. <sup>30</sup> Jesus, reconhecendo imediatamente que dele saíra poder, virando-se no meio da multidão, perguntou: Quem me tocou nas vestes? <sup>31</sup> Responderam-lhe seus discípulos: Vês que a multidão te aperta e dizes: Quem me tocou? <sup>32</sup> Ele, porém, olhava ao redor para ver quem fizera isto. <sup>33</sup> Então, a mulher, atemorizada e tremendo, consciência do que nela se operara, veio, prostrou-se diante dele e declarou-lhe toda a verdade. <sup>34</sup> E ele lhe disse: Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz e fica livre do teu mal. <sup>35</sup> Falava ele ainda, quan-

do chegaram alguns da casa do chefe da sinagoga, a quem disseram: Tua filha já morreu; por que ainda incomodas o Mestre? <sup>36</sup> Mas Jesus, sem acudir a tais palavras, disse ao chefe da sinagoga: Não temas, crê somente. <sup>37</sup> Contudo, não permitiu que alguém o acompanhasse, senão Pedro e os irmãos Tiago e João. <sup>38</sup> Chegando à casa do chefe da sinagoga, viu Jesus o alvoroço, os que choravam e os que pranteavam muito. <sup>39</sup> Ao entrar, lhes disse: Por que estais em alvoroço e chorais? A criança não está morta, mas dorme. <sup>40</sup> E riam-se dele. Tendo ele, porém, mandado sair a todos, tomou o pai e a mãe da criança e os que vieram com ele e entrou onde ela estava. <sup>41</sup> Tomando-a pela mão, disse: Talitá cumi!, que quer dizer: Menina, eu te mando, levanta-te! <sup>42</sup> Imediatamente, a menina se levantou e pôs-se a andar; pois tinha doze anos. Então, ficaram todos sobremaneira admirados. <sup>43</sup> Mas Jesus ordenou-lhes expressamente que ninguém o soubesse; e mandou que dessem de comer à menina (BÍBLIA VOZES).

No Evangelho de João (Jo) 8, 1-8 relata Jesus defendendo uma mulher adúltera de uma maneira muito característica que ele sempre teve em acolher os pecadores mais desprezados, mostrando-lhes a compaixão de Deus.

Jesus, entretanto, foi para o monte das Oliveiras. <sup>2</sup> De madrugada, voltou novamente para o templo, e todo o povo ia ter com ele; e, assentado, os ensinava. <sup>3</sup> Os escribas e fariseus trouxeram à sua presença uma mulher surpreendida em adultério e, fazendo-a ficar de pé no meio de todos, <sup>4</sup> disseram a Jesus: Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. <sup>5</sup> E na lei nos mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes? <sup>6</sup> Isto diziam eles tentando-o, para terem de que o acusar. Mas Jesus, inclinand-

se, escrevia na terra com o dedo. <sup>7</sup> Como insistissem na pergunta, Jesus se levantou e lhes disse: Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra. <sup>8</sup> E, tornando a inclinar-se, continuou a escrever no chão. <sup>9</sup> Mas, ouvindo eles esta resposta e acusados pela própria consciência, foram-se retirando um por um, a começar pelos mais velhos até aos últimos, ficando só Jesus e a mulher no meio onde estava. <sup>10</sup> Erguendo-se Jesus e não vendo a ninguém mais além da mulher, perguntou-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? <sup>11</sup> Respondeu ela: Ninguém, Senhor! Então, lhe disse Jesus: Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais (BÍBLIA VOZES).

A conclusão é comovedora. A mulher não se moveu. Continua ali, no meio, humilhada e envergonhada. Jesus fica sozinho com ela. Agora pode olhá-la com ternura e expressar-lhe todo o seu respeito e carinho: “Mulher, ninguém te condenou?” A mulher, que acaba de escapar da morte, responde atemorizada: “Ninguém, Senhor”. Jesus deposita nela toda a sua confiança e, querendo o melhor, a anima a não pecar. De seus lábios não brotam nenhum tipo de condenação (cf. PAGOLA, 2010, p. 264-265).

A mesma postura de Jesus é evidente em outras passagens. Diante do medo de Pedro, segura-lhe pela mão impedindo que as águas o submergissem (cf. Mt 14, 31); restaura a vida de Lázaro, preservando não só a vida do que havia morrido mas também a vida de suas irmãs Marta e Maria diante do desespero da perda (cf. Jo 11, 18-43); olha profundamente com amor para aquele que o traiu, na tentativa de conceder a Judas e a

Pedro o sabor de sentirem-se amados (cf. Mt 27, 3-9). O amparo mais genuíno deixado pelo Mestre dos mestres é dado de forma muito generosa, extremamente humana, presando mais a eficácia do que a eficiência, mais a misericórdia do que a justiça, mais os rejeitados e abandonados do que os que se sentiam justificados, autossuficientes e perfeitos. O não deixar o outro sucumbir diante da vulnerabilidade mostra o amparo de Deus em Jesus.

Interessante notarmos outros aspectos de amparo presentes em Jesus como a festa, a alegria, a comemoração. Quando ele mesmo não era compreendido por essas características, expressava-as em parábolas, como a do Pai bondoso (cf. Lc 15, 11-32), que após o filho ter esbanjado tudo retorna à sua casa e é acolhido com festa. O Pai dá-lhe o anel de filho, a melhor veste da casa e as sandálias de homem livre. Churrasqueia o bezerro cevado. Faz um banquete para todo o povo e música e dança na praça, fazendo o filho conhecer a festa boa da vida (cf. PAGOLA, 2010, p. 264).

Jesus não só fala de um Deus bom, próximo e acolhedor, sempre disposto a perdoar e a oferecer a todos uma vida digna e feliz. Ele mesmo é parábola viva de Deus. Movido por seu Espírito, ele é o primeiro a aproximar-se de pecadores e pessoas indesejáveis, a interessar-se por sua vida e sentar-se à mesa com eles (cf. Lc 15, 1-7). Jesus é exemplo norteador desse amparo: no celebrar a vida na gratuidade do tempo, no sentar-se à mesa, no enobrecimento da partilha, no congratular-se na perspectiva de um reino de Deus que não é domí-

nio mas puro serviço e ágape de entrega total (cf. PAGOLA, 2010, p. 265).

### 2.3.2 Maria

A espiritualidade cristã católica vê na pessoa de uma mulher, Maria, a mãe de Jesus, a expressão máxima do ser humano que se fez essência, colo, útero e lugar cuidadoso do humano onde não precisa mais ter medo. Maria não se afasta da cruz (cf. Jo 19, 25), nem tampouco do sofrimento do seu povo (cf. Jo 19, 26). Traz todos para o seu manto, pois nele contém compaixão, misericórdia, amparo, auxílio; participa da vida do povo com seu jeito solidário, peregrino, servidor, fazendo-se próxima dos pequenos e pobres. É o jeito feminino de mostrar o melhor da raça humana, cabendo-lhe a atribuição do título de Amparo.

O Evangelho de João mostra de modo bem evidente o amparo de Maria presente do início ao fim da vida de seu filho Jesus (cf. Jo 19, 25; 2, 1-11), e sem dúvida na vida da comunidade que ela participara, com uma presença expressiva e de destaque. Lucas apresenta em Maria um amparo que se antecipa, que vai a procura para prevenir a dor e o desamparo. A Declaração do Carisma Amparo, elaborada pelas Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo, em julho de 2014, por ocasião da realização do XX Capítulo Geral, traz as premissas essenciais:

O Espírito Santo agraciou Padre João Francisco de Siqueira Andrade, fundador da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo, com um carisma especial e marcadamente mariano: ser amparo aos pequeninos. Escolhendo Nossa Senhora do Amparo como Padroeira, nosso Fundador deixa para a Congregação o compromisso de seguir Jesus Cristo, tendo Maria como modelo de Mulher e Mãe acolhedora, fraterna, sensível... que sabe amparar e servir, pondo-se a caminho. Irmã Francisca Pia, Fundadora, assimilou o carisma de tal forma que, em seus escritos afirma: “Estamos nesta Congregação para fazermos as vezes de Maria”. Portanto, nosso Carisma é ser amparo como Maria. Hoje, esse Carisma é vivido também por pessoas leigas de todas as idades que se unem a esta Congregação, no seguimento de Jesus e de Maria (XX CAPÍTULO GERAL, 2014).

Em seu artigo, Mazzuco (cf. 2006, p. 66-67) aponta a importância de Maria para o Carisma Amparo, equiparando-a ao grau de importância que ela traz para o cristianismo. Conforme o autor, é impossível uma expressão de fé sem Mãe; acreditar num Deus sem um rosto materno, sem amparo e sem colo. Maria representa a fé viva e atuante, expressão da plenitude do humano, o jeito feminino de mostrar o melhor de si. Ela é modelo da fecundidade de um amor de Deus que quer morar junto, quer tomar forma e se encarnar na história. Esta é a Mãe de Deus que encanta o coração do Padre Siqueira e de Irmã Francisca Pia, a lógica do amor que sai a procura dos excluídos das oportunidades da monarquia e da nova república. Quem se entrega ao Senhor como Maria, gera uma história de Salvação. Cuidar dos pequenos e excluídos, melhorar o humano, refazer

o conceito de cidadania, dar boa educação, levar pelos caminhos da fé, pelos caminhos do Amor, abraçar todas as causas da vida – este é o itinerário do amparo. Como Maria, a Virgem Imaculada, o amparo quer tirar o pecado das origens, tirar o peso das estruturas que consomem o humano. Ter Maria como protótipo é estar a serviço do Reino na gratuidade, na ternura, na solidariedade, na maternidade gerando uma humanidade concebida nas qualidades do amor de Deus.

### 2.3.3 Francisco e Clara

A espiritualidade franciscana é uma das grandes espiritualidades caracterizada por uma vigorosa experiência, que começa no século XIII com São Francisco de Assis e Santa Clara e continua, através da história, com seus seguidores até nossos dias. Na Igreja, essa espiritualidade atuou e atua em dois grandes campos: prático-concreto e especulativo- doutrinal.

A experiência de amparo está muito próxima, em seu modo de ser e agir da espiritualidade franciscana. O ato de professar uma Regra e de agregar-se a uma Família – aqui referindo à agregação da Congregação à Família Franciscana – só se concretiza se seus membros estiverem movidos de uma aproximação maior, numa relação ontológica do ser. Essa verdade não só foi revelada nos nomes de *Francisco* e *Francisca* portados por Padre Siqueira e Irmã Francisca Pia, como na real proximidade dos fundadores ao modo de ser de Francisco e de Clara,

na essência da práxis evangélica. Como testemunha Baggio (1987, p. 207): “uma implantação do Reino de Cristo, dentro da inspiração de S. Francisco de Assis”, que partira da intuição que germinara na mente e nas mãos do Padre Siqueira e que maturou no decorrer da caminhada e da história.

Francisco e Clara são modelos na esteira do Carisma Amparo porque concretizaram a fé na caridade que é Deus, no desejo de viver com os outros e voltados para os mais infelizes, numa vida de pura doação; porque têm por programa de vida viver segundo a forma ou perfeição do Santo Evangelho, e a ele converter-se diariamente, numa atitude de escuta e obediência; porque assumem por carisma a fidelidade ao Evangelho, encarnando essa fidelidade na novidade permanente que ele suscita. A fidelidade constante ao Evangelho com prontidão para adaptar-se ao longo dos tempos a formas concretas de serviço eclesial, segundo as diversas situações históricas, aponta descontinuidade do carisma. Esse descontinuar implica obediência à dinâmica da evolução da Igreja numa prontidão que exige um renascer encarnando-se nas formas inéditas de cada época (cf. OLGATI, 1993, p. 845- 846).

O seguir Cristo pobre, humilde e crucificado, a modo de Francisco e Clara, dá leveza ao carisma Amparo. A não dicotomia entre alma e corpo, oração e ação, Igreja e mundo; o entrelaçamento profético do “já” e o “ainda não”, do anúncio da boa nova e da denúncia das diversas estruturas de morte são elementos integrantes provindos de uma herança de alta minoridade evangélica assumidos na espiritualidade franciscana. E,

sobretudo, o cuidado com os corpos humanos desagregados de sua inteireza e humanidade em seus diversos aspectos. A fidelidade ao carisma de origem consiste em não perder de vista essa verdade abraçada e vivida pelos fundadores.

### **3 CONTINUIDADE E DESCONTINUIDADE INDISPENSÁVEIS**

Este capítulo tem por objetivo apresentar os principais motivos de afastamento de uma Congregação ou Ordem do seu carisma fonte, a identidade constituinte.

Fidelidade ao carisma fundacional e criatividade em época de mudança são indispensáveis para aplicação do espírito conciliar sesquicentenário (Concílio Vaticano II), na atualização e renovação da vivência do carisma. Será abordada, nesta perspectiva, a relação carisma-instituição, visto ser uma realidade que implica os dois critérios: conservação e adaptação; os tempos modernos com seus valores e desafios - notando os grandes enfrentamentos atuais da VRC frente a eles; a crise como possibilidade, ruptura e renovação, momento oportuno de se assumir o essencial; e a necessidade de conversão estrutural e descontinuidade para uma vivência mais sincera e evangélica do carisma a ser continuado.

#### **3.1 A DIALÉTICA – CARISMA/INSTITUIÇÃO**

Antes de fazer uma descrição sobre esta realidade dialética, convém apresentar algumas definições a respeito de instituição. O vocábulo vem do latim *Instituere*, com o significado de

fundar, estabelecer, organizar algo que existe, ordenar, regular, formar, treinar alguém, regravar uma vida segundo princípios, instaurar, entre outros. O termo pode contemplar ainda a ideia de obra ou empreendimento que se perpetua no meio social e na memória dos homens (cf. PEREIRA, 2005, p. 60-61). Por mais que estejam intrinsecamente associadas com a forma virtual, imaginária e simbólica, as instituições não estão desvinculadas da prática social, real.

Por que nos instituímos? Ou melhor: por que os dispositivos humanos, desde o Estado-nação, passando pelo exército, pela família, pela linguagem, pelo sistema jurídico, pela relação de trabalho e – por que não? – também pela Igreja, organizam-se em instituições? Essa é uma lei geral, presente em qualquer processo civilizatório, pretérito ou contemporâneo, pujante ou modesto, subdesenvolvido ou desenvolvido. A história mostra que estamos condenados à instituição, tanto quanto o estamos, segundo Sartre, à liberdade (PEREIRA, 2005, p. 62).

As pessoas criam as instituições visando a diminuição do estado de desamparo, inerente à condição humana. O autor acima citado continua dizendo que a instituição é *um mal necessário* e, portanto, *um bem* [destaques do autor]. A ambivalência pode ser explicada a partir da definição de que a liberdade é o conhecimento da necessidade. Se a instituição é *um mal necessário*, ela implica, necessariamente, um conhecimento da necessidade. Nessa medida, e a partir da definição considerada, ela é um passo à frente no sentido da liberdade e, portanto, constitui um bem, já que aponta para a liberdade,

bem supremo. Espera-se que as instituições criem estruturas razoáveis de apoio para diminuir e apaziguar as sensações de caos absoluto e de destrutividade das relações solidárias (cf. PEREIRA, 2005, p. 63).

Adentrando na dialética aqui citada, tem predominado, ultimamente, uma leitura maniqueísta da relação carisma-instituição, obtendo como consequência um elevado prestígio do carisma e um proporcional desprestígio da instituição. As justificativas são muitas, expressas por jargões do tipo “toda instituição sufoca o carisma”; “é necessário voltar ao carisma puro das origens, sem a instituição”; “o fundador tem o carisma, os pósteros a instituição”. Esse tipo de leitura estabelece uma dicotomia intransponível: de um lado, o carisma, algo essencialmente bom, ligado ao espírito; de outro lado, a instituição, desvinculada do espírito, força destrutiva do carisma que impede a vivência deste em plenitude.

Como tentativa de superação desse dualismo, Teixeira (cf. 2008, p. 310) diz que todo carisma para torná-lo opção de vida é necessário instituir como caminho na existência e encarnar em opções concretas, colocando algo dentro do concreto da vida: “Só se pode dizer que há algum carisma, quando se institui algo a ser buscado concreto e permanentemente durante toda a vida mediante uma série de atitudes e gestos que traduzam a opção”. A instituição é que dá corpo concreto ao carisma. Caso contrário, não haveria carisma, mas um sonho bonito que se esvaiu sem conseguir impulsionar o grupo a um engajamento de sua vida naquilo que se lhe apresentava como

o horizonte do sentido pleno de sua existência. É, portanto, unidade indissolúvel, carisma e instituição.

Sem instituição como opção concreta ou em opções concretas, o carisma não chega a nascer, aborta-se. Proclamar um carisma puro sem instituição significa proclamar o aborto do carisma, pois ele só ganha corpo, só adquire carne na instituição. Tanto assim que, quando se quer conhecer o carisma de um determinado grupo, se pergunta pelas suas opções concretas de vida e de ação. Carisma sem encarnação em opções concretas não existe, é abstração. Advogar um carisma puro, sem instituição, converte-se em uma espécie de espiritualismo, algo totalmente desencarnado, incompatível com a proposta da espiritualidade cristã da encarnação (TEIXEIRA, 2008, p. 310).

Do mesmo modo que alma e corpo são constitutivos de uma pessoa humana, a instituição torna-se um elemento constitutivo do carisma. Podemos assim afirmar que a instituição não é algo mau em si, ao contrário, possibilita a saída do abstrato para a existência concreta, real. Teixeira (cf. 2008, p. 312) ainda reafirma que a instituição é exigência do próprio carisma, é algo que não lhe é estranho, mas vem dar-lhe corpo, existência real, concreta.

Não se trata de absolutização da instituição, como se fosse a única responsável de assegurar um projeto, mas nos referimos à tentação de um espiritualismo vago, indefinido, abstrato. Este tipo de espiritualismo tem medo de tudo que é concreto, como se a concretude da existência humana ameaçasse contaminar a suposta pureza do carisma, desembocando em uma

dicotomia maniqueísta, como se a concreção lhe diminuísse a qualidade do ser. “Este fenômeno pretende, no fundo, um carisma que, quanto mais distante da realidade e da linguagem humana, mais perfeito” (cf. TEIXEIRA, 2008, p. 313).

Quando o carisma é vivido dentro de uma comunidade de fé, como é o caso da Vida Consagrada, este necessita de codificação em uma regra ou constituição ou propósito, por intermédio da autoridade competente, como meio de vivência concreta. Desta forma, o grupo se institucionaliza. Abre-se assim a delimitação do que é aspirado pelo grupo. E como este é constituído por pessoas corre-se o risco de ser enquadrado e até manipulado. E assim, erroneamente, atribuímos o peso da infidelidade à institucionalização. Esquecemos de averiguar que instituições não erram e sim as pessoas que as assumem e fazem mau uso das suas funções.

Outro equívoco que quase sempre é comum à mentalidade da maioria é confundir instituição com estrutura. Teixeira (cf. 2008, p. 325) vai dizer que estruturas são meios que se criam com a intenção de melhor alcançar os objetivos propostos pelo carisma.

Normalmente o carisma nasce simples, despojado, leve, ágil. Com o passar do tempo, o grupo cria estruturas que começam a crescer e a pesar. Talvez aqui é que urge a necessidade de descontinuidade. Acontece, frequentemente, que o grupo passa a ocupar-se mais com as obras do que com o carisma, chegando ao ponto de criar estruturas que não condizem com o carisma de origem. Mais uma vez merece esclarecer que não

é a estrutura em si má; o problema é que o grupo desloca a atenção e o interesse para a organização empresarial, vivendo em função e tornando-se escravo dela. Fundam-se verdadeiras empresas, eixos ao redor das quais a Vida Consagrada passa a girar. Logo, vem como consequência a composição de uma comunidade religiosa organizada pelo critério da competência profissional dos membros, com a finalidade de manter a máquina administrativa em funcionamento, ao passo que o critério do essencial da Vida Consagrada, que é a vivência evangélica, fica para trás. Deste modo o grupo de consagrados torna-se mais empresarial do que carismático.

Estruturas empresariais amarram a mobilidade da Vida Consagrada. O carisma, que no início impulsionava à agilidade, à presença simples, evangélica e solidária no mundo, cerca-se de um esquema burocrático árido, restringindo ao mínimo o tempo para a oração e para a relação com a alteridade. Nesse sentido, se o grupo permite que a estrutura o engula, o carisma perde seu vigor, desfalece e pode morrer (TEIXEIRA, 2008, p. 315).

Sem muita demagogia podemos afirmar que a estrutura vivida nestas condições supracitadas acaba sendo máquina devoradora do carisma. Dois agravantes decorrentes desse tipo de estrutura empresarial são perceptíveis: a concorrência e o afastamento dos pobres. O primeiro diz respeito ao jogo do mercado, no qual vigoram leis não precisamente evangélicas. O segundo refere-se à dura constatação da não aproximação com o mundo dos pobres, com o qual a Vida Consagrada, a

exemplo de Jesus, deveria estar identificada. A bem-aventurança inicial acaba sendo um belo discurso, quando não relegada a completo esquecimento. O abandono das estruturas empresariais engessadoras do carisma se faz urgente para salvar a Vida Consagrada e o brilho provindo do carisma. Caso isso não aconteça, a instituição acaba assumindo uma função perversa.

Acontece, entretanto, que a instituição – *mal necessário* -, geralmente transforma-se num *mal mais que necessário* e, dessa forma, *deixa de ser um bem para tornar-se um mal desnecessário*. Isso ocorre, sem exceção, em todos os casos em que a estrutura institucional se põe a serviço não do desejo, em sua justa e necessária medida, mas de privilégios, corrupção, antiprodução, injustiça e iniquidades. Quando assim acontece, por exemplo, na instituição religiosa, ela degrada-se, perde seu sentido original e de fundação, e transforma-se num instrumento destruidor (PEREIRA, 2005, p. 64).

Teixeira (cf. 2008, p. 316) faz uma distinção, muito propícia por sinal, entre carisma e organização. Logo de início ele esclarece o mito difundido de uma certa incompatibilidade entre ambos, onde quase sempre acredita-se que, à medida que se organiza a vida, se enquadra e se tolhe o carisma, como se organização significasse uma camisa de força a imobilizar o dinâmico fluir da vida, surgindo a expressão: quanto mais organizado é o grupo, menos carismático se torna. Organizar neste caso, refere-se a saber distinguir o que é essencial do que é acessório, estabelecer prioridades e escolher as maneir-

ras mais condizentes de concretizar suas opções fundamentais. Nesse sentido, o carisma precisa de organização, senão o grupo se perde em detalhes, gasta suas energias no secundário, se apega em aspectos exteriores e se fixa em formas que ao longo do tempo inevitavelmente se tornarão anacrônicas. Saber definir termos, que mais condizem com a dinâmica do carisma, rejeitando outros que aludem a um secularismo é primordial, como fez São Francisco no início da Ordem:

É interessante a maneira como ele [São Francisco] organizou a fraternidade (outro elemento que faz parte de seu carisma). Rejeitou o título de “superior”, de “prior”, de “abade” e de “pai” para aquele que deveria ter o cuidado dos demais irmãos. Preferiu o termo “ministro”, compreendido como aquele que serve. E para que a compreensão do termo não se desviasse de sua significação original, ele usava o binômio “ministro e servo”. Proibiu entre os irmãos qualquer tipo de dominação. Tomou como protótipo da relação dos irmãos o amor materno, amor que cuida, amor que se preocupa com o outro, amor que nutre o irmão. Dizia com a mais pura simplicidade que o irmão devia ser uma mãe para o outro (TEIXEIRA 2008, p. 316).

O fino senso de organização estava presente em São Francisco de Assis, de modo que sabia perfeitamente concretizar o espírito evangélico – aquilo que é essencial – em uma organização humana. Compreendia que organização conferia visibilidade ao carisma. Neste sentido encontramos um grande desafio: traduzir o carisma em formas concretas e sem abstração.

E, assim, Teixeira (cf. 2008, p. 318) conclui dizendo que se constata no debate carisma-instituição uma leitura (interpreta-

ção) dicotômica, não integrativa, de uma realidade composta de duas polaridades que, em si não são antagônicas, mas complementares. Isto, porém, não significa afirmar que carisma e instituição sejam a mesma coisa. Se, de um lado, carisma e instituição não são realidades antagônicas, de outro, não são idênticas. Complementaridade só acontece entre diferentes, isto é, quando diferenças se integram para formar uma nova unidade.

À medida que damos mais importância a um dos elementos, tendemos a um extremismo específico não saudável. Dar todo peso ao carisma em detrimento da instituição constitui-se um espiritualismo desencarnado. Com o movimento contrário, instaura-se o institucionalismo, a valorização demasiada das estruturas, tanto a nível empresarial como a nível organizacional. Portanto, a existência dialética entre carisma-instituição é o caminho mais harmonioso da fidelidade fundacional e abertura aos tempos atuais.

### 3.2 TEMPOS MODERNOS E A DESESTABILIDADE NA VRC

A não consideração da dialética carisma-instituição, quase sempre leva grandes ou pequenos grupos a se fecharem em suas estruturas sem nenhuma preocupação com o mundo ao seu redor ou a um movimento contrário de adesão ilimitada a tudo que aparece como proposta nova e atraente. Essa realidade parece estar muito presente em nosso tempo, onde de um lado, percebe-se um tradicionalismo inoperante e de outro, um

laxismo sem precedentes. Conhecer a dinâmica subjacente à modernidade e à pós-modernidade, bem como seus desafios e guinadas nos faz vislumbrar um caminho de melhor equilíbrio.

Diógenes (cf. 1993, p. 240), fala da modernidade como sinônimo de crise. Citando Lefebvre (1962) ela afirma que a modernidade é o efêmero, o fugaz, o ambíguo. O “ethos” moderno se constitui na perspectiva de plasticidade, de movimento e de redefinição permanente. Pode-se afirmar que esta necessita associar transformação à dimensão de destrutividade; o novo apenas afirma-se como moderno deslocando-se de qualquer vínculo com o antigo. Destrói de modo criativo e constrói de modo destrutivo. Progresso e morte entoam os mesmos acordes – citando Fernando Pessoa, no início do século XX.

Esta pulsão de morte, posta aparentemente a serviço da vida, ocasiona uma “inoperância do mundo do espírito” e um “ressecamento dos sentidos”, pois Deus expressa-se como “nova revelação metálica” e o mundo se move “sobre metálicos caminhos”. O metal, símbolo emblemático do progresso e do poder, é também fator de crise e de desestabilização de grandes nações. Modernidade e crise, na era moderna, constituem-se quase como analogia, como processos sincrônicos. Podemos assim afirmar, como fruto do modernismo, uma certa aversão ao que é antigo e memorável.

Apontaremos como pós-modernidade a compreensão dada por Bauman, de “sociedade líquida”, onde as relações, os hábi-

tos e as formas de proceder mudam em tempo muito rápido. A mobilidade que lhe é característica é associada à inconstância, sendo muito semelhante à condição dos líquidos. A modernidade derreteu os sólidos e tudo passa a ser temporário e líquido, ou seja, ambivalente (cf. VILLASENOR, 2014, p. 16).

A ambivalência e o relativismo moderno, frutos da sociedade líquida, fragilizaram a identidade das instituições. Como consequência, vieram a angústia, a reação defensiva, a organização e o fechamento saudosista, na tentativa de preservação e sobrevivência institucional. Essa ambivalência gerou uma imensa desestabilidade na VRC. O controle e o apelo à coesão institucional vieram logo como reação, não deixando de ser um retorno à pré- modernidade de maneira ambivalente, numa tentativa de se adaptar às condições sociais e culturais da modernidade líquida, ou pós-modernidade. O sentido de pertença e de identidade parece ser sempre mais líquido, onde todos os meios de vida são permitidos, mas nenhum é seguro. O fundamentalismo na Vida Religiosa Consagrada parece ser, de maneira errada, um remédio radical contra as ambivalências da sociedade líquida (cf. VILLASENOR, 2014, p. 20).

Em meio a um conflitante momento urgem questionamentos quanto à possibilidade de levar a cabo um ideal sem perder o carisma fundante e sem ignorar os tempos modernos - em outras palavras, viver o carisma de forma atualizada e fiel. A possibilidade de encarnação da novidade do Espírito suscitada no carisma é algo verdadeiro e necessário, bastando captar os

sinais oferecidos em cada tempo. No que tange aos tempos modernos, as crises e rupturas são sinais que nos possibilitarão uma renovação profunda pessoal e institucional.

A Vida Religiosa Consagrada é desafiada a buscar ressignificação para melhor responder aos “sinais dos tempos”. Não se deve empenhar em trilhar caminhos de re- institucionalização e re-tradicionização como busca de identidade; em querer restaurar um passado que já se foi mas buscar no aqui e no agora sinais e formas humanas que expressem o profundo desejo de amar e ser amado; uma renovação missionária e profética, através da leitura adequada do carisma frente à realidade de mundo, sempre considerando as contribuições significativas de Jesus e daqueles que nele se inspiraram e se inspiram no dia-a- dia.

### 3.3 CRISE: POSSIBILIDADE, RUPTURA E RENOVAÇÃO

Comumente usamos as palavras, em português, *crisol* e *acrisolar* que guardam a nítida reminiscência da origem sânscrita da palavra *crise*. Crise, portanto, designa o processo de purificação do cerne: o histórico-acidental, o que assumiu indevidamente papel principal, é relegado a sua função secundária, porém legítima como secundária e derivada. Depois que o ser humano passa por qualquer crise, seja corporal, moral, psíquica, seja interior e religiosa, sai purificado, libertando forças para uma vida mais vigorosa e cheia de renovado sentido (cf. BOFF, 2011, p. 27).

São próprios do tempo de crise os questionamentos dos fundamentos. A sensação de que algo vai morrer, se corromper e diluir é própria também desse tempo. Não menos típica é a impressão de libertação, de alívio e de arrancada feliz para uma solução mais integradora de todos os elementos da vida (cf. BOFF, 2011, p. 27).

O *kairós* é vivido com maior intensidade nos momentos de crise, onde o essencial aparece com maior clarividência. São momentos que se verificam as paixões e as tensões, numa certa dramaticidade, carregadas de desafios e perigos, onde brota vida nova num outro nível e dentro de um horizonte mais aberto (cf. BOFF, 2011, p. 27).

A história mostra que os tempos mais férteis da Igreja foram aqueles de piores crises. O Concílio Vaticano II (1962-1965) veio trazer uma crise imensa para a comunidade de fé:

Até então havia uma longa continuidade na verbalização teológica da fé, nas expressões da piedade popular e litúrgica. A estrutura dogmática, como inteligência da fé e penetração racional dos dados revelados, parecia algo de firme, ao redor da qual se criara um consenso quase que absoluto (BOFF, 2011, p. 27).

De uma Igreja de consenso se passou para uma Igreja de tensões, pluralista, invadindo o próprio conceito teológico de Igreja, como afirma o número 8 da *Lumen Gentium*. Não era mais a puramente perfeita e santa, mas simultaneamente justa e pecadora, sempre a caminho da conversão e da reforma. A Igreja entrou numa crise na qual se perdura até à atualidade. A

crise é da linguagem, do horizonte de compreensão, do caráter litúrgico, dos comportamentos eclesiais, das expressões de fé. Desse panorama surge uma nova compreensão de Igreja, como Corpo Místico de Cristo, como Povo de Deus a caminho, possibilitando nascer cristãos adultos.

Diógenes (cf. 1993, p. 240), descrevendo a definição de crise dada por Bobbio (1986) a considera como “um momento de ruptura de um sistema, uma virada de improviso, algumas vezes até violenta e não prevista no módulo normal segundo o qual se desenvolvem as interações dentro do sistema em exame”. Citando outra definição, designa crise “como uma fase ou uma situação perigosa, da qual pode resultar algo benéfico ou algo pernicioso para o indivíduo ou a comunidade que por ela passa, um estado transitório de incerteza, mas também cheio de possibilidade de renovação”. Portanto, a crise permite o rompimento com as antigas tradições, e a flexibilização de valores.

Toda situação de crise, para ser superada, exige uma decisão. Esta marca a trilha nova e uma direção diferente. Por isso a crise é prenhe de vitalidade criadora; não é sintoma de uma catástrofe iminente, mas é o “momento crítico” em que a pessoa se questiona radicalmente a si mesma seu destino, o mundo cultural que a cerca e é convocada “não a opinar sobre algo, mas a se decidir acerca de algo”. Sem essa decisão não há vida. Ideias, nós as temos. Mas decisões, nós as vivemos. (BOFF, 2011, p. 28).

A Vida Religiosa Consagrada das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo também passa por crise. Parece

estar nesta crise a oportunidade de exigir uma solução, um retorno restaurador a um projeto que sofreu “desvios” e “alterações” ao longo de seu percurso histórico. No que tange à relação Carisma Amparo e VRC, a crise é uma possibilidade de renovação, de retorno ao ideal primeiro, restaurando projetos desviados e alterados, consciente ou inconscientemente, no percurso da história.

Diante da crise, os que por ela passam buscam sair. Não podem ficar na indecisão e viver sem sentido. Nesta saída encontramos uma variedade de tipos humanos com as suas respectivas soluções. Boff (cf. 2011, p. 49-53) apresenta quatro categorias normalmente percebidas em momentos de crise. A primeira são *os escatologizadores*, aqueles tipos de pessoas que veem a crise como catástrofe, como decomposição e fim da ordem e da continuidade. O segundo são *os arcaizantes*, aqueles que quando se dão conta da crise, em vez de explorar as forças positivas contidas nela, fogem para o passado. Vivem da pura imitação que é a tentativa de imitar e reconstruir os costumes, as categorias de pensar e a vida do passado. O terceiro são *os futuristas*, são os que resolvem a situação de crise fugindo para o futuro. Eles se situam dentro do mesmo horizonte dos arcaizantes, apenas no sentido inverso. E por último *os responsáveis*, aqueles que veem na crise uma oportunidade de nova vida. Buscam tematizar as forças positivas contidas nela e formulam uma resposta integradora das várias dimensões da vida. Não rejeitam o passado por ser passado. Aprendem dele como um repositório das grandes experiências humanas.

### 3.4 URGÊNCIA DE DESCONTINUIDADE

Nem sempre nosso serviço, nossas organizações são mediações favoráveis que deixam passar a seiva carismática da Congregação. Quando essa realidade passa a ser extremada temos a sensação que algo precisa ser urgentemente modificado. Quando o caminho por onde trilhamos não está levando ao essencial, ao fundamental, nos damos conta que a situação na qual nos encontramos não pode mais continuar. Urge romper, cortar laços e rasgar uma perspectiva nova. Começa-se por demolir para poder construir novamente, num processo dolorido e delicado, tanto em nível pessoal como a nível grupal. É o enfrentamento da crise. E nela não há superação sem que haja decisão e maturação interna. As crises se tornam inoperantes e proteladas quando buscadas soluções e intervenções vindas de fora. “Todo processo de purificação implica ruptura, divisão e descontinuidade” (BOFF, 2011, p. 27). Urge a necessidade de novos hábitos de pensar e de agir.

A vida e a história não acontecem de forma linear, como o sistema capitalista apresenta. A evolução da vida e da história está ancorada numa estrutura descontínua. Basta meditarmos a história do Povo de Deus nas Sagradas Escrituras. “A evolução acumula energias, atinge um limiar, a partir de onde se verifica uma convulsão: dá-se a passagem de um para outro nível de vida” (BOFF, 2011, p. 30). Essa passagem implica não só descontinuidade mas continuidade de um essencial qualificado, que suporta e possui estabilidade. Olhando para a realidade

congregacional muitas modificações profundas foram assumidas ao longo da existência. Apesar dessas alterações, há uma continuidade de fundo que permanece intocável.

Percebemos que essa evolução acontece de forma dialética, contínua e descontínua. Mas nem sempre estamos cientes de como essa evolução deve ocorrer em uma congregação. Usando a reflexão de Azevedo (cf. 1993, p. 104-118), torna-se mais evidente a postura dialética. O autor supracitado afirma que urge captar essa dinâmica dentro de um processo transformador, com transições concretas de um paradigma para outro. Eis os paradigmas assumidos no pós Vaticano II e que ainda precisam ser aplicados:

- a) Passagem **do** devocional e funcional preponderante **para** o teologal-teológico fundante. Em um mundo secularista e crítico, religiosamente eclético e pluralista a explícita fundamentação teológica é imprescindível para a legitimação e inteligibilidade da Vida Religiosa Consagrada.
- b) Passagem **do** plano ético-moral da imitação de modelos e da aquisição de hábitos e virtudes, **para** o plano bíblico-cristológico da inspiração carismático-profética e do seguimento de Jesus, de modo praticamente inesgotável. Ou seja, assumir o projeto evangélico a modo de Cristo e dos fundadores, de forma existencialmente radical. Sendo não somente imitadores mas continuadores do mesmo carisma, traduzindo-os e contextualizando-os no tempo e espaço de maneira carismático-profética.

- c) Passagem **de** uma compreensão limitada e redutora do carisma como sendo veiculado apenas através das obras do contexto sociocultural da realidade vivida pelos fundadores, **para** a multiplicidade aceitável e válida de novas expressões do carisma, formas contextualizadas nos vários tempos e espaços do mundo atual. Neste aspecto, é muito necessário ressituar os documentos e escritos de fundação no quadro histórico para só depois interpretá-los, avaliá-los e atualizá-los adequadamente.
- d) Passagem **de** um vida religiosa autodefensiva, distante do mundo e garantia primeira de sua realidade institucional, **para** uma vida religiosa criticamente aberta ao mundo, construtivamente presente nele, capaz de articular em si mesma fidelidade e criatividade, continuidade na descontinuidade, sem perda ou detrimento de sua identidade. Consciência clara de que a vida religiosa e a ação apostólica são afetadas pelas transformações socio-culturais e econômico-políticas.
- e) Passagem **de** uma vida religiosa centrada em si, que cultiva a ordem e a estabilidade, que prioriza a solidão e a reserva, em vista primordial ou exclusivamente da perfeição e da salvação individual, **para** uma vida religiosa consciente da prioridade da missão e da importância singular da comunidade e de sua valorização interna e externa, no plano individual e relacional. Visão de uma vida religiosa como uma entre outras vocações válidas

no universo eclesial, orientadas todas para a construção do Reino, pelo seguimento de Jesus.

- f) Passagem **de** uma concepção do voto de pobreza, acentuadamente jurídica e administrativa, centrada para as pessoas na dependência e na carência individual de coisas, eventualmente compatível, porém, com um estilo de vida e acumulação institucional reconhecidamente ricos, **para** um processo de simplificação e austeridade da vida pessoal e comunitária, para uma disposição maior efetiva de partilha real dos bens, interna e externamente, e para uma crescente austeridade inspirada na realidade dos pobres.
- g) Passagem **de** uma visão da pobreza no mundo como fenômeno social e inevitável, com o qual se convive resignadamente e à distância, embora com inegável e dedicado atendimento caritativo, **para** um engajamento na dinâmica promocional e transformadora da construção de uma sociedade justa e de inspiração evangélica.
- h) Passagem **do** feminino sistematicamente reprimido **para** o feminino compreendido e afirmado, através da presença e ação apostólica abrangente da totalidade humana, que é masculino-feminino, em igualdade de condições na diversidade de expressões.

Podemos então constatar que a Vida Religiosa Consagrada, efetivamente, não assumiu de modo pleno o que lhe foi proposto pelo Concílio Vaticano II, mesmo após ter passado meio século. A insistência de um estilo monástico predominante até então, centrado sobre si mesmo, autodefensivo,

dentro de uma congregação apostólica ativa torna-se quase inviável na realidade contemporânea em que vivemos (cf. AZEVEDO, 1993, p. 112).

### 3.5 URGÊNCIA DE CONVERSÃO ESTRUTURAL

Um dos grandes desafios no campo da evangelização, da missão e principalmente do próprio carisma do Instituto, Congregação ou Ordem religiosa é desvencilhar-se de estruturas obsoletas, aquelas que não mais respondem aos desafios da atualidade. Muitos carismas dessas instituições perderam suas expressões e se distanciaram dos ideais do(a) fundador(a) ao criarem estruturas ao longo de sua história com objetivo de favorecer a vivência do próprio carisma, mas, com o passar do tempo, tornaram-se obstáculos para a vivência dele e da própria missão. Essa obsolescência é visível pelo distanciamento dos pobres. Pereira (2015, p. 79-81) é franco em afirmar que “uma das propostas para a renovação da vida religiosa é libertar-se das estruturas que dificultam ou distanciam os(as) religiosos(as) da vivência do carisma”.

Estruturas aqui não quer apenas significar as estruturas físicas, como, por exemplo, as construções de grandes conventos ou colégios, os prédios, mas quer também significar as estruturas ideológicas, ou seja, da mentalidade que se criou ao longo dos tempos a respeito da vida religiosa que não mais contribui para a vivência do reino de Deus, nem muito menos do carisma, dos objetivos propostos nas suas origens. Mesmo as Congrega-

ções, Institutos e Ordens que conseguem vislumbrar as razões da sua existência precisam refletir e avaliar com seus membros algumas questões fundamentais e traçar novas metas.

Outra ideia que pode ser relevante no tocante à conversão estrutural é a que vem expressa no Código de Direito Canônico, a respeito dos bens temporais e sua administração nos Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica: “Evitem [institutos, províncias e casas], porém, qualquer aparência de luxo, de lucro imoderado e acúmulo de bens” (cân. 635, §2.). Quando não há uma consciência evangélica como fio condutor dos membros de uma Congregação ou Ordem, logo permanece a lógica do luxo, do lucro e do acúmulo.

Pereira (cf. 2015, p. 80) sugere, em termos de processo avaliativo em relação às variadas estruturas o seguinte:

Quanto à avaliação das estruturas físicas, as casas religiosas, as construções de ontem e de hoje:

Onde estão localizadas? Como foram construídas?  
Que acessibilidade tem para o povo e para os próprios religiosos? Quais são seus objetivos ou finalidades?  
Como é a sua infraestrutura?  
Estão respondendo aos desafios da missão?  
Ainda contribuem de alguma forma para a evangelização, para a pastoral, enfim, para as ações da Igreja?  
Como vivem os(as) religiosos(as) nessas casas?  
Nas casas, os armários dos(as) religiosos(as) são maiores que as estantes de livros? Quais partes da casa recebem mais atenção e investimento: sala de TV? Refeitório? Cozinha e despensa? Capela? Biblioteca? Quartos? Outros? Quais e por quê? (PEREIRA 2015, p. 80).

## Quanto à avaliação das estruturas ideológicas:

Quais são as ideias que prevalecem no grupo? Como pensam e agem os(as) religiosos(as)? Quais são as maiores preocupações do grupo?

Existem de fato preocupações, ou a maioria está acomodada na estrutura e numa pastoral de manutenção? Ainda há vocações? Se ainda existem, como são trabalhadas?

Existem muitas rivalidades entre os religiosos? Se elas existem, como são trabalhadas?

Existem projetos missionários, ou o grupo se reúne apenas para cumprir um calendário de organização interna?

A maioria está empenhada nos projetos comuns, ou cada um puxa para um lado, ou para lado nenhum?

Que tipo de formação é oferecida e em que o grupo está mais focado? Demonstrem preocupação com questões missionárias?

O que a maioria entende por missão? (PEREIRA 2015, p. 80).

Refletir sobre esses pontos entre os religiosos é fundamental, pois questionam as atuais estruturas da Congregação, de modo que sejam repensadas ou renovadas, ou então que sejam extintas. O papa Paulo VI, em 1971, já apontava nessa direção: [o clamor dos pobres] “Convida, ainda, não poucos dos vossos institutos a reconverter em favor dos mesmos pobres algumas das suas obras, o que, aliás, muitos já fizeram, generosamente” (ET, 18). Além dessa prerrogativa, no mesmo documento, Montini alerta quanto ao perigo da perda de identidade do carisma e da vocação à vida religiosa em detrimento a uma secularização e adaptação ao mundo hodierno. Convém lembrar-

mos a necessidade de uma vigilância para não se realizar uma adaptação superficial alimentada por uma certa vaidade, mas que seja fruto de uma íntima união com Cristo, como resposta generosa à exigência evangélica, na fidelidade total à vocação de consagrados e consagradas.

Para um ser que vive o adaptar-se ao seu ambiente não consiste no abandonar a sua verdadeira identidade; mas, sim, no afirmar-se aí, com a vitalidade que lhe é própria. A compreensão profunda das tendências atuais e das exigências do mundo moderno deve fazer brotar as vossas nascentes, com um vigor e uma frescura novas (PAULO VI, ET, 52).

Evidencia-se que o vigor e a frescura novas que alimentam a utopia da missão, que trazem em germe as condições da conversão estrutural, do inovar relações, pastorais e/ou missionários, da capacidade de soldar os laços de pertença entre os membros e a identificação com o projeto de vida proposto provém da força motriz presente na identidade própria do carisma.

Evidentemente se menciona aqui uma realidade complexa e desafiante que não pode ser tratada de forma simplista. Todavia, pode-se afirmar que a vida do fundador(a) é o próprio “rosto do carisma”, tamanha a unidade entre o Ser e o Fazer. É nessa unidade que se identifica a força evangelizadora, ou seja, o impacto evangelizador do fundador(a) no seio da sociedade de seu tempo, expandido para a posteridade (congregação e leigos). É na experiência fundante – base do carisma – que residem a fortaleza e a inspiração para redimensionar as ativi-

dades apostólicas e, ao mesmo tempo perguntar-se: com qual espírito se vive e convive, trabalha e sonha, crê e luta?

O grande desafio das Congregações e Ordens é voltar à “matriz carismática”, à intuição dos fundadores(as). As obras podem caducar (como caducam), bem como as atividades apostólicas mudarem, mas os membros de uma Congregação ou Ordem só causarão impacto evangelizador se, a exemplo do fundador(a), forem o rosto do carisma.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho norteou-se pela busca de aprofundar a essência do Carisma Amparo; pelo desejo de reconhecimento de sua identidade e pela vontade de constatar se há necessidade de adequação ao mundo contemporâneo como forma vital de continuidade ao que foi comunicado, pela ação do Espírito a João Francisco de Siqueira Andrade, o fundador. Investigou-se, na primeira parte, o contexto histórico do século XIX, e nele identifica-se a realidade ontológica do Carisma fundacional, objeto da pesquisa, expressa no cuidado com a vida humana em situação de desamparo, caracterizada na vulnerabilidade das ingênuas e desvalidas. Ademais, o estudo levou a evidenciar que, uma vez assumido, o núcleo identificador do Carisma Amparo é capaz de perpassar gerações, revalidar a experiência fundante e atualizar a proposta evangélica germinante.

A segunda parte da pesquisa, a partir da interpretação teológica, caracterizou, por assim dizer, o perfil da identidade do Carisma Amparo, levando a perceber o que lhe é inerente. À luz do Evangelho e do Magistério da Igreja, identificou-se o Amparo como carisma fundacional, realidade suscitada pelo Espírito em um projeto real e concreto, cabível em qualquer situação histórica e ancorado em atos profundamente evangélicos. Sendo esses revelados no Carisma, como serviço e diaconia, ordenado para interesse comunitário; na Caridade,

como prática humana na construção do bem; e no Cuidado da vida, sobretudo a humana, como regra constituinte de sua expressão. Percebe-se assim que, as raízes estão em Jesus e seu Evangelho, ou seja, identidade fundada em gestos plenamente encarnados.

A partir dos documentos estudados, constata-se que, para conservar o “carisma de fundação”, é necessário auscultar o próprio Deus e os sinais dos tempos, fazendo um constante e autêntico *aggiornamento* das atividades apostólicas, tendo em vista o modelo interpretativo justo do carisma do fundador. Como ressalta Villasenor (2016, p. 16): “Na construção deste caminho é necessário sempre rever as estruturas, a leveza e a agilidade institucional estabelecida de maneira participativa”. Faz bem recordar que a autêntica renovação não é aquela imposta, nem a que é assumida primeiramente no âmbito externo, mas a que acontece de dentro para fora, no coração e na consciência. Favorável a essa construção é a capacidade de dialogar com a modernidade, considerando que a missão da VRC no contexto atual não é a mesma do contexto do fundador ou da fundadora, nem dos modelos de nosso pensamento e de épocas relativamente recentes.

Diante das transformações bruscas da sociedade, onde tudo parece ser descartável, a vulnerabilidade dos valores e a fragmentação estrutural de modelos, até então invioláveis, atingem diretamente a Vida Religiosa Consagrada. No tocante ao Carisma, essa é uma reflexão imprescindível para manter aceso o ideal do fundador e fazer a adequação aos novos tempos,

fugindo do constante risco de retorno à história, conservando estereótipos de fundação e o descarte do que é essencial do carisma. Como adverte Paulo VI (1971, ET, 51): “A compreensão profunda das tendências atuais e das exigências do mundo moderno deve fazer brotar as vossas nascentes, com um vigor e uma frescura novas”.

A consciência de que historicamente o nascimento do Carisma Amparo aconteceu em momento de crise, de transição, de agonia – conforme constatado na pesquisa - revela um caminho alternativo de construção de uma sociedade humanizada em meio às contingências históricas atuais. Concomitante a essa consciência, foi possível vislumbrar ao longo do estudo uma realidade ampla, exuberante e fértil do Carisma enquanto vivência e esperança escatológicas, na articulação das mediações históricas e utópicas da construção do Reino. Aprofundar um carisma congregacional é oportunidade de enriquecimento e reconhecimento da dimensão profética e espiritual concedida pelo Espírito Santo ao fundador e aos continuadores: sinal de que o Paráclito sopra onde quer e como quer (cf. Jo 3, 8), recriando uma nova humanidade.

Como síntese final, se tornam pertinentes as palavras de Havenne (2015, p. 69): “Cada vez que no decorrer da história a VRC se afastou dos empobrecidos, ela se deu mal. Cada vez que ela volta a se solidarizar com os menores e com as periferias e fronteiras existenciais, seu carisma ressurge”. Portanto, o que garante a continuidade de um carisma não é o retorno ao tempo com saudosismo sem precedentes, nem a negação da

atualidade com seus limites desafiadores. O que faz continuar um carisma é a fidelidade a Jesus e seu Evangelho, caracterizada no assumir, autenticamente, a identidade fundacional no cuidado com os empobrecidos e vulneráveis da humanidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes:

ANDRADE, João Francisco Siqueira. **Apelo ao País**. In: SANTO DEUS, Irmã Neli do; DA SILVA, Irmã Rossana Espindola. **Padre Siqueira – Escritos, Crônicas e outros testemunhos**. Petrópolis, RJ: Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo, 2014.

\_\_\_\_\_. **Estatutos da Escola Doméstica De Nossa Senhora Do Amparo**, 1874, Sala Histórica, EDNSA, PS – 5-A.05.59. In: SANTO DEUS, Irmã Neli do; DA SILVA, Irmã Rossana Espindola. **Padre Siqueira – Escritos, Crônicas e outros testemunhos**. Petrópolis, RJ: Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo, 2014.

\_\_\_\_\_. **Memorial de Viagens**. Sala Histórica, OS – 1 – A.01.16. In: SANTO DEUS, Irmã Neli do; DA SILVA, Irmã Rossana Espindola, **Padre Siqueira – Escritos, Crônicas e outros testemunhos**. Petrópolis, RJ: Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo, 2014.

\_\_\_\_\_. **Sermões**. In: SANTO DEUS, Irmã Neli do; DA SILVA, Irmã Rossana Espindola. **Padre Siqueira – Escritos,**

**Crônicas e outros testemunhos.** Petrópolis, RJ: Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo, 2014.

\_\_\_\_\_. **Testamento.** *In:* SANTO DEUS, Irmã Neli do; DA SILVA, Irmã Rossana Espindola. **Padre Siqueira – Escritos, Crônicas e outros testemunhos.** Petrópolis, RJ: Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo, 2014.

**Biblioteca Nacional,** *Jornal Correio Paulistano*, 1870, Ed. 4172, Ano XVII, p. 1 e 2. *In:* SANTO DEUS, Irmã Neli do; DA SILVA, Irmã Rossana Espindola. **Padre Siqueira – Escritos, Crônicas e outros testemunhos.** Petrópolis, RJ: Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo, 2014.

\_\_\_\_\_. *Jornal O Globo*, 1875, Ed. 31, p. 3. *In:* SANTO DEUS, Irmã Neli do; DA SILVA, Irmã Rossana Espindola. **Padre Siqueira – Escritos, Crônicas e outros testemunhos.** Petrópolis, RJ, 2014.

### **Bibliografia:**

AZEVEDO, Marcello, SJ. **Vidas Consagradas, Rumos e Encruzilhadas.** São Paulo: Edições Loyola, 1993.

BAGGIO, Fr. Hugo D. OFM. **Padre Siqueira: uma resposta à Educação do Menor carente no Brasil.** Petrópolis, RJ:

Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo, 1987.

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História: vol. 3: Os paradigmas revolucionários**. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BECKHÄUSER, Frei Alberto. **Regras**. *In: Padre Siqueira – Escritos, Crônicas e outros testemunhos*. SANTO DEUS, Irmã Neli do; DA SILVA, Irmã Rossana Espindola. Petrópolis, RJ: Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo, 2014, p. 98-120.

\_\_\_\_\_. **Apresentação**. *In: PINHEIRO, Irmã Margarida e SANTO DEUS, Irmã Neli. Irmã Francisca Pia – coração de mãe espaço para os pequeninos*. Petrópolis, RJ: Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo, 1993, p. 11-13.

BÍBLIA Sagrada. Coordenação de Ludovico Garmus; tradução de Domingos Zamagna, Ivo Storniolo, [et.al.]. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

BOFF, Leonardo. **Crise: oportunidade de crescimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Igreja, carisma e poder**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.

\_\_\_\_\_. **O cuidado necessário**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BUARQUE DE HOLANDA, Sergio. **O Brasil monárquico: vol. 5: do Império à República**. 4.ed. São Paulo: DIFEL, 1985.

BUZZI, Arcângelo R. **A filosofia e o cuidado da vida**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CADERNO 1 DA FORMAÇÃO PERMANENTE. Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo, 1996.

CADERNO 2 DE FORMAÇÃO PERMANENTE. Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo, 1996.

CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE NOSSA SENHORA DO AMPARO.

**Constituições Gerais**. Petrópolis, RJ, 1990.

CORREA JUNIOR, João Luiz. **A caridade – um estudo a partir das primeiras comunidades cristãs**. *In: A Caridade – um estudo bíblico-teológico*. São Paulo: Paulinas, 2002.

DECLARAÇÃO DO CARISMA. *In: XX Capítulo Geral: Arquivos da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo*, 2014.

DIÓGENES, Glória. **Modernidade e crise: movimentos sociais, institucionalização e reinvenção cultural**. *In: XIMENES, Tereza (org.)*. *Novos Paradigmas e realidades brasileiras*. Belém: 1993.

GOHN, Maria da Glória. **História dos movimentos e lutas sociais – a construção da cidadania dos brasileiros**. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

GRINGS, Dadeus. **Dialética da Vida Consagrada**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1994.

HAUCK, J. Fagundes [et. al]. **História da Igreja no Brasil, ensaio de interpretação a partir do povo: segunda época, Século XIX**. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HAVENNE, Ir Annette, csm. **Uma vida consagrada alegre em meio às novas pobreza**s. *In*: Novas Gerações da Vida Religiosa Consagrada. Congresso Nacional 06 a 09 de fevereiro de 2016. Brasília, DF: CRB Nacional, 2015.

HÓSTIA, Madre Aurea de Jesus. **O Padre Siqueira – sua vida e sua obra**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo, 2013.

MATOS, Henrique Cristiano José. **Nossa História – 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

MATTOS, Luiz Augusto de. **Do porto seguro a um tempo de provocação, da incerteza à esperança pascal: a Vida Religiosa Consagrada e os seus atuais desafios**. *In*: Vida Religiosa Consagrada em processo de transformação: “Vejam que estou fazendo uma coisa nova!”: Isaias 43, 19. Luiz Carlos Susin (org.). São Paulo: Paulinas, 2015.

MAURO, Frédéric. **O Brasil no tempo de Dom Pedro II: 1831-1889**. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

MAZZUCO, Frei Vitório. **Cuida do nosso cuidado**. In: **Revista Alegremo-nos no Senhor, 100 anos de Aliança**. Centenário das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo. Petrópolis, RJ: 2006, p. 20.

\_\_\_\_\_. **Encerramento da Novena – 8 de dezembro de 2004, Jacareí/SP**: Imaculada Conceição de Maria, envolvida com manto de justiça, adornada de jóias! In: **Revista Alegremo-nos no Senhor, 100 anos de Aliança**. Centenário das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo. Petrópolis, RJ: 2006, p. 65-68.

NEVES, Cleusa Aparecida. **Comentários ao Sermão de uma Quinta-Feira Santa**. Recife, PE: 2011.

PAGOLA, José Antonio. **Jesus: aproximação histórica**. Tradução de Gentio Avelino Tilton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PEREIRA, José Carlos. **Novos ventos nos conventos: desvelando os meandres da vida religiosa em vista da sua renovação**. São Paulo: Paulus, 2015.

PEREIRA, William Cesar Castilho (org). **Movimento Institucionalista Principais Escolas**. In: Análise Institucional da vida religiosa consagrada; autores, Adalto Luiz Chitolina ... [et al.]. Belo Horizonte: CRB, 2005.

PINHEIRO, Irmã Margarida; SANTO DEUS, Irmã Neli do. **Irmã Francisca Pia – coração de mãe espaço para os pequeninos**. Petrópolis, RJ: Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo, 1993.

QUINTANEIRO, Tania. **Retratos de mulher: a brasileira vista por viajeiros ingleses e norte-americanos durante o século XIX**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

QUINTÃO, Antonia Aparecida. **As irmandades de pretos e pardos em Pernambuco e no Rio de Janeiro na época de D. José I: um estudo comparativo**. In: Brasil: colonização e escravidão / Maria Beatriz Nizza da Silva (org.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

REVISTA DO CENTENÁRIO. **Alegremo-nos no Senhor, 100 anos de Aliança**. Centenário das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo. Petrópolis, RJ: 2006.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. **A educação feminina durante o século XIX: o Colégio Florence em Campinas**. São Paulo: Papyrus, 1996.

ROY, Ana Ir.. **O beijo de Deus – Provocação à Vida Religiosa**. CRB.

SANTO DEUS, Irmã Neli do; DA SILVA, Irmã Rossana Espindola. **Padre Siqueira – Escritos, Crônicas e outros testemunhos**. Petrópolis, RJ: Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo, 2014.

SOUZA, Irmã Maria Aparecida Santana de. **Estatutos**. In: SANTO DEUS, Irmã Neli do; DA SILVA, Irmã Rossana Espindola. Padre Siqueira – **Escritos, Crônicas e outros testemunhos**. Petrópolis, RJ: Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo, 2014, p. 121-160.

TEIXEIRA (OFM), Frei Celso Márcio. **Carisma e instituição: uma reflexão na contramão**.

In: Grande Sinal – Revista de Espiritualidade – Ano LXII – 2008/3.

VILLASENOR, Pe. Rafael Lopez. **Desafios identitários da vida religiosa consagrada na atualidade**. In: Seminário Nacional para a VRC, texto-base. Brasília: CRB Nacional, 2014- 2016.

*Dicionários:*

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Coordenação de Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira. 3.ed.rev.amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

LOZANO, Juan Manuel. In: **Dicionário Teológico da Vida Consagrada**. Direção de Ángel Aparicio Rodríguez, Joan Canals Casas; tradução de Honório Dalbosco, Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 1994.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário Etimológico Resumido**. Instituto Nacional do Livro – Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro: 1966.

OLGIATI, Feliciano. *In: Dicionário Franciscano*. Coordenação geral Ernesto Caroli. Comitê de redação G. Ginepro Zopetti, Feliciano Olgiati, Pierdamiano Bertinato, Sergio Cattazzo, Pierino Bogon, Clemente Fillarini. Tradução de Almir Ribeiro Guimarães, Edinei da Rosa Cândido. Petrópolis: Vozes; CEFEPAL, 1993.

ROMANO, A. *In: Dicionário de Espiritualidade: Letras A a D*. Organização de Ermanno Ancilli, Pontifício Instituto de Espiritualidade Teresianum; tradução de José Raimundo de Melo, Silva Debetto Cabral Reis, Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Paulinas : Loyola, 2012. vol. 1.

*Documentos da Igreja:*

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: A alegria do Evangelho**[2013]: Ao Episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos.... 2.reim. São Paulo: Paulinas, 2014.

IGREJA CATÓLICA. **Compêndio do Catecismo da Igreja Católica**. Tradução de Orlando Moreira, Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2005.

JOÃO PAULO II, Papa. **Relações Mútuas**, IGREJA CATÓLICA. Sagrada Congregação para os Bispos; SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OS RELIGIOSOS E OS

INSTITUTOS SECULARES. Critérios diretivos para as relações mútuas entre os bispos e os religiosos na Igreja. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.

PAULO VI, Papa. **A evangelização no mundo contemporâneo: Exortação apostólica “Evangelii Nuntiadi”**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976.

PAULO VI, Papa. **Exortação apostólica Evangélica Testificatio: sobre a renovação da vida religiosa**. Tradução de Tipografia Poliglota Vaticana. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.

VATICANO II, Concílio. Constituição Lumen Gentium. In: **Compêndio Vaticano II: Constituições, decretos, declarações**. 29.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 259-306. (04 de dezembro de 1963).

*Sites:*

ANDRADE, João Francisco de Siqueira. **Jornal Mercantil, 1875**. Disponível em: <<http://www.franciscanas-doamparo.org.br>>. Acesso em 20 jul. 2016.

CONGRAGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE NOSSA SENHORA DO AMPARO. **A Congregação**.

Disponível em: <<http://www.franciscanasdoamparo.org.br/a-congregacao/>>. Acesso em 20 de jul. 2016.

MITRA DIOCESANA DE CARAGUATATUBA.

**Histórico.** Disponível em: <<http://diocesecaraguata-tuba.com.br/nossa-senhora-do-amparo/historico>>. Acesso em 31 ago. 2016.

TRIBUNA DA BAHIA. Disponível em: <<http://www.tribuna-dabahia.com.br/2012/07/17>

/sociedade-protetora-dos-desvalidos >. Acesso em 27 de julho de 2016.

VAINSENER, Semira Adler. **Igreja de Nossa Senhora do Amparo, Olinda, PE.** Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em 21 set. 2016.

